

Fita 6 → Roda A

M. Estamos continuando as gravações com a Josefa, Morena para os mais conhecidos e ... vamos lá! Josefa vai tentar colocar um pouquinho p'ra gente como que ela ... como que foram os treinos dela lá no P.C., no grupo, na escola clandestina como ela disse, como ela chama. E ... as coisas que ela acha que foram importantes p'ra ela. Pode falar agora.

J. Bem ... eu não tenho muita lembrança porque isso foi em 1955. Talvez tenha pegado o fim de 54, não me lembro bem. Mas eu sei que foi no ano de 55 e um pedacinho de 56.

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

J. Então, como esse período era um período muito difícil p'ra mim, que eu estava com a confusão de despiço. A gente, inclusive, numa dessas aulas a gente estava despiço. Eu sei que eu fiz um curso, um pequeno curso que eu não lembro mais quase de nada. Porque a minha vida foi sempre uma vida atrapalhada. Eu só me lembro do que eu peguei, que até hoje eu levo em conta, a responsabilidade que eu achava, de fazer aqueles cursos, que eu achava que era um presente que eu ganhava do partido, e que eu achava que era uma grande tarefa aquilo que eu 'tava estudando p'ra fazer alguma coisa, p'ra não sair muito da reta, da linha do partido, das tarefas do partido. Agora, o que eu me lembro, do 1º curso foi de 8 dias, eu não tenho a mínima lembrança do que foi. Depois veio um, me parece, que de 15 dias, eu não tenho bem lembrança. Agora, veio outro muito grande. Eu não sei se foi, foi no mínimo um mês, eu não tenho ...

M. (...) Vocês ficaram ... vocês iam para ... para ... para um local que geralmente era um local ...

(2)

Fita 6 → Bodo A

J 8'. Nós íamos p'ra uma escola que a gente não sabia onde estava. Nós saíamos de olhos fechados dum ponto, dum certo ponto que marcaram pr'a gente esperar a pessoa, e depois que a gente 'panhava o carro a gente nos podia mais abrir os olhos até eles mandarem. Então, chegava num certo local, que eu não tenho a mínima idéia onde era, e ali se entrava naquela escola. Era uma escola clandestina, a gente não podia fazer barulho, não podia falar alto e tinha que se andar com muito cuidado. As tarefas...

M Era tipo uma ... um sítio?

J Olha, eu não sei nada do quintal. Só sei que a gente ficava dentro da sala. Nós sei ele nada, nunca a gente ...

M Vocês não saíam da sala?

J Nós saíamos da sala. Saía p'ra ir na cozinha quando a tarefa ... porque a comida era tudo feita ali mesmo. Era tirado umas duas companheiras p'ra ajudar, por dia. Cada dia era uma. Eu me lembro que uma vez eu fui (...) ajudar na cozinha. (...) Até aí é uma coisa interessante, foi que eu fui descobrir, porque quê eu comia uma comida lá que ficava meia ... (...) ficava que nem quem não tinha comido, que nem quem ia sentir uma coisa diferente. Era uma coisa que eu sentia completamente diferente, que eu não sabia o que era. No dia que eu fui ajudar, aí eu descobri o que era. Era a maionese. Que eu não sabia o que era maionese e quando cheguei na cozinha que vi o que era, eu pedi p'ra botar a minha verdura sem aquele molho. Foi uma coisa boba mas (...) uma professora disse que eu era muito observadora porque também tinha o negócio de um disco, e eu fui lá num curso e aquele disco 'tava quebrado, quando eu fui no outro o mesmo disco quebrado.

(3)

Fita 6 → Roda A

J (cont.) Eles botaram e disse assim: — Este disco está assim a muito tempo. Então, eles observaram. Quer dizer, eu não era de prestar contas ... (...) Como não sou até hoje, eu já vim aqui na tua casa várias vezes e tem coisas aí que eu boto a mão, mas se você perguntar depois, eu não sei o que é, porque eu não 'tô prestando atenção àquilo, não faço questões. E assim mesmo foi no partido. Eu tinha muito medo que eu falhasse assim, onde foi a escola. Eu fazia questões, que até hoje eu tenho esse costume, eu não (...) sou boa fisionomista e não guardo o nome de ninguém. Às vezes, perguntam p'ra mim: — Você conhece fulano? Eu não sei. Se era do partido piorou, porque além de eu não saber o nome naquela época que era tudo nome de guerra. Imagine que agora a gente 'tá andando normal ...

M Cada um tinha um nome de guerra?

J Cada um tinha um nome de guerra.

M O seu nome de guerra era qual?

J O meu nome de guerra, geralmente quando eu 'tava ... Em cada lugar eu tinha um nome diferente. Por exemplo, nos próprios cursos eu tinha um nome diferente. O último, eu me lembro que num eu ganhei o nome de Júlia, o outro eu ganhei o nome, que me parece que foi o último ... não 'tô lembrando bem ... Judite, era Judite, e por aí. Agora, o meu nome quando eu participava das reuniões, o meu nome era Leila. Já quando era em reuniões o nome era sempre o mesmo. Agora, quando era nas escolas, cada curso que eu fazia eu mudava o nome. Não era só eu, era todo mundo. Então, eu não me lembro mais, eles davam as lições baseadas no livro de Lênin, no livro de Stálin, no livro de Marx, falava sobre Engels e mais outros. —▶

(4)

Fita 6 → Bado A

J (cont) E depois davam uma lista p'ra gente ler aqueles livros, chamava bibliografia, biografia uma coisa assim. Então, eles davam aqueles nomes. Só que eu nunca podia fazer aquele trabalho de leitura. Primeiro porque eu tenho dificuldade de leitura, segundo que eu nunca fui à escola, terceiro porque eu tinha muita coisa na cabeça p'ra pensar e p'ra fazer, quarto (...) eu tenho preguiça mental. Além de tudo, tinha um troço que chama de preguiça mental. Então, eu ...

M Quem te disse que você tem preguiça mental?

J Ah, eu não sei. Eu sei que quando eu conto esse negócio assim, o pessoal diz que é preguiça mental. Inclusive, foi alguém do partido que me falou isso.

M RISADAS

J 8! Disse que eu tinha preguiça mental.

M 8?!

J Tudo bem. Mas o que eu sei é que as tarifas que eu tirei... o que eu sei hoje, apesar de eu não lembrar qual foi as lições que eu recebi, eu sei que... O que eu não sabia... eu não sabia porque se passava miséria, porque que o povo era pobre e o outro era rico demais, porque que eu passei o que passei, que os outros passaram e estão passando até hoje. Daí me serviu... Foi espécie de uma palestra com umas aulas de conscientização. Era as aulas de conscientização da situação. Então, (...) lia-se também p'ras aulas (...) Também nas reuniões lia-se o editorial dos jornais em primeiro lugar, p'ra dali tirar algumas conclusões. Então, eu não tenho assim...

M E lá vocês tinham assim... eram professoras que estavam lá p'ra dar aula

J Professores políticos, é! →

(5)

Fila 6 → Roda A

J (cont) Que hoje eu conheço até uma delas que (...) a muito tempo já não é mais do partido e que foi minha professora na aula que eu gostava muito dela. Era a Fanita Bastos, ela nessa época era do partido. Mas tinham muitos professores (...). Nessa época foi uma época muito importante p'ras mulheres. Porque nesses cursos... O primeiro tinha homens e mulheres, mas o último que eu fiz, que foi o maior deles era só mulheres. Os professores tinha mulheres e homens. Mas as mulheres eram as alunas.

M É do país inteiro?

J (...) Não tinha de todos os países...

M Não! Do Brasil inteiro

J Não tinha de todos os estados, mas tinha de alguns. Por exemplo, S.P., eu me lembro bem de S.P., R.S., S.C., R.J., não me lembro mais de outros estados, tinha P.E., não sei se tinha vindo de lá (...), não sei. Tinha pernambucanos também no curso. Então, esse curso foi uma espécie... p'ra ver quem servia p'ra ser... um dos testes depois nas resoluções era... fizeram assim uma espécie dum teste p'ra ver quem servia p'ra professor. Certamente quando essa pessoa 'tava com condições de debater alguma coisa sobre o partido, de defender o partido, de defender as posições do partido. Então, eu não passei. Eu sei que eu não passei. Antes eu avisei que eu não ia passar porque eu não dou p'ra nada que seja p'ra mim mandar. Eu não gosto de mandar. Eu detesto mandar. Eu não gosto assim de diretoria de associação, as primeiras 3 pessoas mais responsáveis. Eu não gosto de participar de sindicato. De direção de frente eu não gosto de nenhuma. Por que eu acho que (...) vou pegar um pouco de mandar, e eu não sei mandar, não gosto de mandar. Infelizmente eu só aprendi a ser mandada. (...) E as últimas resoluções que saíram era isso, que fizeram o teste eu...

6

Fita 6 → lado A

J (cont) Todo mundo passou, mas eu não passei. Mesmo assim sem eu passar (...) me deu a tarefa p'ra eu fazer a Conferência Estadual do Mulher Trabalhadora.

M Mas quem te dava essa tarefa?

J Quem dava essa tarefa era o partido. O trabalho a gente fazia (...) na frente, inclusive, dos trabalhos de massa ... quem fazia, quem agia aquilo com mais precisão era o partido, que estava com a responsabilidade de organizar o povo, de organizar a massa. Então, eu era de uma maneira que (...) a conferência que eu fiz não foi boa, não foi como devia ser. Todo mundo que saiu dali saiu com tarefas. Eu não encontrei ninguém que me ajudasse em nada. E eu fui fazendo junto com uma companheira que era da associação feminina fluminense lá em Niterói. Eu junto com ela e mais pegando algumas pessoas p'ra galho, como diz o outro. Mas eu fazia assim, eu mandava ...

M O partido dava a tarefa p'ra vocês e vocês é que tinham que se virar? (...)

J A gente cumpria tarefas porque eles chamavam p'ra reunião. Ali discutiam (...) aquele monte de membros ali discutiam. Ali uns divergiam, outros não e tal. Eu sei que quando saíam os acertos a gente tinha que quando sair dali cuidar de criar aquela tarefa. A minha era mais organizar mulheres. ...

M Mas voltando ainda ... O quê que você se lembra que te marcou mais nesses cursos que 'cê fez? Você falou em mais valia, você falou nos princípios básicos do Marxismo.

J Eu não guardei bem isso aí porque eu achava que aquilo ali eu estava dando a resposta no meu trabalho. De acordo com o que tinha lá, o que saiu na minha cabeça é que, até hoje eu tenho isso, que o que eu fazia dentro do partido, aquelas organizações de massas, organizar as mulheres, fazer conscientização, (...)

(4)

Nota 6 → Roda A

J (cont) fazer quando saíse uma tarefa sobre a paz (...), participar de plebiscito, campanha de um certo companheiro participar, tudo isso eu incluía naquelas reduções, naquela reunião que não era p'ra isso, mas que de acordo com o desenvolvimento das tarefas que se faziam, eu achava que eu estava fazendo as tarefas do partido dentro daquelas organizações, dentro daquele trabalho que eu estava fazendo.

M Estava mesmo, né?!

J Pois é, eu estava fazendo aquele trabalho. Ai há coisas que se chamavam teorias. Eu não lembro da teoria. Porque tinha muita teoria nas lições, eu não sei nada, eu não lembro mesmo nada. Nem assim certos nomes de livros eu não lembro. Porque eu fazia assim, eu tinha o pensamento seguinte: a teoria sem a prática não vale. Eu pensava isso, eu penso até hoje. Teoria sem prática não tem ressonância. A prática também tem que ter um pouco de teoria. Mas eu acho que a prática é mais necessária. Então, (...) de acordo com as situações brabas que eu enfrentei, deu p'ra mim não esquecer muita coisa de coisas, e do meu próprio trabalho até hoje não me lembro. Às vezes eu estou conversando com uma pessoa e a pessoa diz assim: — Mas você nunca tinha me falado isso. Quer dizer, surgiu no desenvolvimento daquela conversa e eu não lembrava mais. Que às vezes eu ainda tenho assim, fico pensando: aconteceu certa coisa assim, Mas eu não sei que data, não sei mas nem direito o que foi. E aí passa uma neve na cabeça e já vou pensando outra coisa, que a minha... mente tá muito misturada. (...) Eu não fixo quase o pensamento quase em mais nada, a não ser quando eu estou... Por exemplo, eu estou aqui, eu estou firmando a cabeça nisso que eu estou falando, nesse trabalho que eu estou fazendo aqui, mas se eu parar isso aqui e →

8

Fita 6 → Rodo A

J (cont) e eu começar a conversar, pode me observar que às vezes eu pulo de conversa. Quer dizer, o pensamento muda de repente. Eu estou conversando uma coisa, de repente me lembro de outra que às vezes nem tem a ver com o que eu estou falando e que eu firmo aquilo e me esqueço do que eu deixei p'ra trás, depois quando vou me lembrar já é tarde.

M Você disse que só você ia fazer esses treinamentos, o Pireza não ia, né?!

J O José nunca foi. Ele foi num de 8 dias. Não sei se o de 15 ele foi. Que eram 3, um de 8 dias, outro de 15, outro de um mês, outro de 3. Eu não sei te dizer se o que eu fui foi o de 3, eu sei que foi muito tempo que eu passei... Você vê, nem isso eu estou lembrando. O que eu me lembro é que eu passei o natal trancado (...)

M Se você quisesse sair não podia?

J Não podia sair de jeito nenhum...

M Você não se arrependia de ter ido não?

J Não, eu não me arrependia não. Porque quando eu queria mandar um recado, se fosse o caso, tinha quem recebesse o recado. Eu recebi cartas de natal lá dentro mandado pelas pessoas...

M E no dia de natal vocês estavam lá estudando normalmente, não teve comemoração?

J Normalmente. Mas sim, teve uma comemoração. Lá tinha um dia de semana, não sei se era no sábado, não lembro bem o dia, se era no domingo, tinha sempre assim uma brincadeira. Mas assim, fazer jornal mural, uma fazer crítica da outra, cada um fazer um painel, uma coisa assim.

M E o que era brincadeira!

J Era um negócio assim. A gente fazia... do que ouvia no aula, eu aprendia, se foi defeito, se não foi, falha da professora, falha do aluno, falha de Fulano. Cada um fazia do outro e se botava no jornal mural.

→

9

Fita 6 → lado A

J (cont) Que ali os professores também iam ver quem estava aproveitando a aula, pelo que saía ali. E se saísse alguma coisa demais a pessoa era chamada. Eu, por exemplo, uma vez 'tava falando muita gente e eu tinha medo que os outros escutassem e botassem o trabalho a perder. Ai a professora falou: - Vocês 'tão falando alto. Vocês são até parecendo um monte de formiga tomando carreguinho de comida, as folhas. E quando foi no jornal mural alguém desenhou "eu" com um chinelo maior que o pé, que era um chinelo mesmo que tinham no dedo lá, o vestido e tal e falavam: - Parece tanajura. Que dizer, fizeram o jornal mural com uma espécie de desenho. (...) Teve uma época que cada um dizia o que achava do outro. Então, tinha uma moça lá baionga, a Polia também compareceu, lembrei agora, até era uma moça muito bonita como antigamente era Martha Rocha, aí ela tinha assim um pouco de vaidade, assim como quase todo mundo bonito tem aquelas manias de vaidade. Não sei se só os bonitos, eu sei que eu notei eles. (...) Então, teve uma distribuição de presentes...

M O quê que eram os presentes?

J Olha, teve várias coisas, eu não me lembro bem. Eu sei que essa moça ganhou um colar que naquele tempo estava em moda, que eram umas palmas de imitação a moda - pérola (...). Aquilo era moda naquela ocasião (...) e essa moça ganhou um presente desses. Outros "ganhou" outros. (...) O que eu via de lá é que cada um, de acordo com a sua classe, recebia um presente mais ou menos adequado. (...) Eu não lembro bem mais o que foi que eu ganhei. Eu sei que eu ganhei umas roupas semi novas, levei, reformei pra mim, roupa boa. Eu ganhei uma coisa, não me lembro mais o que foi e ganhei essas roupas. Me lembro bem das roupas porque eu recortei, fiz no meu tamanho, gostava muito da blusa. (...) Essa moça tinha uma filha com o nome de Beni, o aniversário dela foi feito lá dentro. Houve um bolo, uma festinha, uma coisa e a gente cantou parabéns bairrinho

M Não era um local afastado, tinha vizinhos?

J Não sei. (...)

10

Fita 6 → Bado A.

J (cont) Eu fiz em 3 lugares. 2 cursos num lugar só foi nessa casa, que eu não sei onde é.

M Era uma casa?

J É. Era uma casa com muitos quartos, banheiro, cozinha. E o outro também foi na casa de um companheiro que eu (...) também não sei onde foi, mas eu sei que foi em São Gonçalo. Não sei qual era a casa mas foi em São Gonçalo. Eu me lembro que passava o trem e eu escutava o barulho do trem em São Gonçalo (...). Esse foi o curso de 8 dias. Até o professor desse curso foi o José Itá, que foi um sapo, que sumiu, tá até hoje como desaparecido do partido que sumiram com ele em 1945. Quando ele sumiu ele era da direção do Nacional.

M Não sei se você lembra na época... nessa época de 54, quem era a liderança do PC? Quem era o presidente?

J Presidente eu não sei não. Eu sei que as lideranças que eu conheci, que também não sei te dizer as datas, só sei dizer quando veio... O que eu fui conhecer da direção do partido, a grande, não digo da nacional. Estadual eu conheci bem que era Maurício Góes, Lúcio, Carlos Damiani, Rubens Naudelvi, outro que chamavam ele de Hota, tinha aquele menino que eu me dava muito com ele também que não era da direção do estado mas me parece que dava ajuda, o Feliciano. Quer dizer, esse pessoal foi o pessoal que eu conheci como direção. Agora, tem o Luís Carlos Prestes que era o secretário máximo, secretário geral que chamava, tinha não sei que ajuda, (...) eu sei que todo mundo tinha medo desse professor, também era professor (...).

M Porque?

J Não sei. Então, quando ele chegava o pessoal dizia assim: - O Amado está aí, todo mundo, é, biquinho salado. Era uma coisa honrosa. Todo mundo cismava com ele. Porque ele era muito exigente com as coisas do partido, carrancudo. (...) O professor vai dar aula carrancudo, todo mundo fica com medo, fica cismado com ele.

11

Fita 6 → Lado A

J (cont) Ele era muito visado por causa disso. Acho até, mal compreendido sei lá o que. Eu sei do nome dele só que não tô lembrando. Sei que era um... o que Arruda. Tinha o Miguel que era professor.

M Miguel de quê?

J Eu não me lembro do sobrenome. A gente nunca perguntava. Talvez não fosse nem o nome dele, tudo era na base do nome de guerra. Tinha Miguel, tinha Apolônio. Apolônio era ótimo professor. São as pessoas que eu recebi aula. Recebi com Miguel, com Apolônio, com Fani, com Iraci Ribeiro que era do jornal Iraci (...) depois disse que era Iracema o nome dela, não sei. Iracema Ribeiro parece que era isso que saiu no jornal (...) alguma coisa assim. Era uma boa professora também. Tive vários, tive o Rui Miguel que eu fiquei com uma saia dele tão grande (...), porque ele deu aula sobre religião. Então, na aula que ele dava sobre religião ele falava sempre sobre as mulheres, (...) que as mulheres eram culpadas... Que dizia, não dizia diretamente, mas depois ele... que quem fazia as religiões e as fontes eram as mulheres.

M Ah, ele falava isso.

J Falava isso (...) Que a gente prestasse atenção que a religião mais próxima ia mudar. Já aparecia outra religião pra superar essa quando estivesse... que ele estava se baseando na católica, quando...

M Ah, ele tá falando da religião católica?

J (...) Religião católica sim, que era a mandante ali naquele tempo. Então, ele disse: - Você vê que "vai" surgindo as religiões. Quando elas "vê" que uma está enfraquecendo aparece outra. Mas a tendência é a mesma, é enriquecer o povo, é distinguir o povo, essas coisas. Então, ele falou, falou, falou e sempre a mulher era... eu já tá ficando com saia dele. No fim ele deu um retoque. Ele aí falou porque que eram as mulheres. É que os homens tão sempre trabalhando, naquele tempo a mulher não trabalhava tanto, as mulheres tão em casa cuidando de filhos, cuidando da casa. →

12

Fita 6 → Lendo A

→ (cont) Então, vê no vídeo uma religião ou vai numa igreja, uma coisa qualquer (...). A 1ª lição era como começou a humanidade, os índios. Que já tinha havido um comunismo que era aquele negócio (...) que as tribos iam caçar, outras iam pescar. E a mulher era quem ia tratar e dividir aquela comida. Aquilo já era um trabalho que a mulher reconhecia, que a mulher era valorizada por aquele trabalho. Porque era ela que ia fazer aquela divisão, era ela quem dividia aquilo que tinha que dividir pra todo mundo. (...) Então, a mãe da humanidade era a mulher. (...) Ele começou, eu me lembro bem disso, com a aula falando das 1ªs gerações. Dos índios, dos elcos. Então punam aquilo bem esmiuçadinho como é que eles faziam, uns caçavam, uns pescavam. Depois falou como é que (...) começou a plantar feijão, começou a fazer plantações. E depois que começou a fazer plantações, aí começou o valor da mulher cair. Porque (...) eles tinham muito mais tempo, quem se dedicasse a lavoura, se dedicava diretamente à lavoura. E a mulher não, se dedica à lavoura mas também se dedica também a casa, então é menos tempo. Então, eles começaram por aí. Aí começou a dominação do homem sobre a mulher. Quando ele falou na reunião ele dizia o seguinte: desde aquele tempo antigo dos escravos, surgiu uma outra religião. Ele durava mas eu não lembro. Sei que terminava na católica. Eles tomaram parte porque o que vinha como explicação pra aquelas religiões, é que eles iam resolver a situação do povo. E a mulher (...) por ser quem estava mais atenta, que estava apesar de tudo com mais folga, de ao menos 1 vez por semana ir numa igreja, num canto qualquer. Eles achavam que ali, elas fazendo aqueles pedidos, aquelas orações, aquelas coisas, iam resolver a situação de miséria em que elas viviam. E que não é verdade, por isso e por aquilo, ele fazia aquele... (..) Eu fiquei com raiva por causa disso, que ele atacou muito a mulher nesse ponto. Mas depois quando ele deu a resolução, o final, que disse porque que a mulher assistia as religiões, porque que é culpada. Como é até hoje.

Fita 6 —> lado A

J (cont.) Você vê uma igreja de crente tem milhares de mulheres, você vê muito
nuevos homens. Se você for dia de semana você quase não vê homem nenhum.
Tá sempre a mulher ali. O que eu acho infelizante... Eu já dizia naque-
la época p'ro fox porque se eu muito duro sobre religião. Eu acho que o
partido perdeu muita coisa com isso naquela época. Porque ele era contra as
religiões. Tem alguém que eu muito (—) que fazia zombaria das religiões.
Eu nunca fiz zombaria. Eu acho que todo mundo tem o direito... se tá sem-
pre lutando por uma democracia, todo mundo tem seus direitos. Só que a
gente tem o nosso dever, o nosso direito, a nossa tarefa do nosso trabalho.
Mas quem quiser, cada um segue aquilo que quer. Eu achava que a
gente devia... até inclusive cheguei a falar com umas pessoas do partido,
se a gente não fizesse um meio de entrar na religião... botando por exem-
plo aqueles negócios... por exemplo, a religião crente que lê a Bíblia, dá
aqueles informes, aqueles parágrafos dele lá... puxa p'ro lado dele,
mas puxa tudo errado, eu acho. Se a gente puxasse aquilo p'ro nos-
so lado que dava certo. Dê-lhe coragem, aii, aquela coisa toda. Ai
eu me trancava, não falava mais nada. Mas eu acho que o partido perdeu
muita coisa, porque quando alguém queria botar o partido p'ro bai-
xo no nosso meio, dizia que a gente era ateu. Então, tem gente que co-
re de ateu. Esse negócio de não acreditar em Deus, isso é o maior absurdo.
Eu acho que isso foi uma coisa que o partido perdeu muito pelo (...)
reclutismo dele. Ele perdeu muitos companheiros que podia ter ganho e
podia ter feito mais alguma coisa, mas que não ganharam porque os
caras diziam que a gente era ateu e que achava que estava errado,
que nada que fosse sem o pensamento de Deus que não dava certo. E por
aí eu acho que a gente perdeu muita coisa. Mas lá eu vi um
um companheiro que era do nosso movimento, nada do nosso associação,
era crente, ele e a mulher. Ainda fiz festa na casa deles porque soube le-
var eles. Fiz rifa na casa deles que não jogam, que não compram rifa.

Fita 6 → Lado A

J (cont) Eu consegui fazer. Eu não dizia xifa eu dizia sateio. Então, tudo era preciso a gente pegar o método de como trabalhar com aquelas pessoas. E esse homem não sabia ler. Mas ele conhecia os versículos da Bíblia, daqueles livros João, Lucas, não sei o quê. Ele sabia aquilo tudo. Então, ele deixava no trem pregando a Bíblia, mas ele pegava pra o nosso lado, entendeu. Ele comparava... dizia: - Esse versículo assim, assim, assim, quer dizer isso, isso, isso. O que estava dentro da nossa luta. Que os outros não fazem isso. Então, por isso eu achava que se devia ter uma reunião, assim, com um grupo de alguns crentes, que se fizesse isso. Torcia aqueles versículos assim como Vitalino torcia. Eu acho que aquilo é o que está acontecendo. O povo é que vai atrás do conversa do pastor. O pastor lê, exprime errado, consciente ou não. Ele às vezes não está sabendo nem o que está falando. É que a gente pode trazer pra realidade. Só que eles não sabem, quanto de trazer pra realidade. Que infelizmente naquele tempo qualquer coisa que saísse fora do eixo era (...) levado pro lado subversivo, não podia ficar, acho que era expulso da igreja, não sei. Mas o Vitalino fazia um trabalho muito bom dentro do trem com o que ele lia na Bíblia.

M (...) Você teve ligações com centro espírita, de repente (...) ensinam pra você aquela coisa do materialismo. Que a religião é apenas uma forma de alienar o povo. Então como é que você ficava? (...) O quê que você sentia?

J Nesse caso aí, eu não entrei diretamente no centro espírita (...) com intuito de eu ser uma filiada do centro, de receber aqueles santos aquelas coisas. Não foi por isso.

M Você nunca recebeu santo?

J Não. O que eu fiz, entrando no centro, foi querendo agradecer um favor que eles tinham me feito. Que eu adoecei do meu pé, um calo que eu fiquei com ele quando saí do trabalho...

M Mas você acredita que o trabalho que eles fizeram salvou o seu pé?

J No centro?

M No centro.

(15)

Fita 6 —> Bado A

J Não neste cento.

M Mas eles fizeram um trabalho p'ra você ...

J Eles me deram muito remédio. Agora eu vi que os remédios eram bons. Não valeu meu pé não. Mas "foi" uns remédios muito bons, uns remédios caríssimos que eu li a bula e achava que aqueles remédios iam me odiar. (...) A pomada não odiava porque eu 'tava botando demais no pé, eu não sabia que eu 'tava botando demais, quei não. (...) Foi quei mando quei mando, cada dia tirava um monte de coisa quei manda do pé. E eu não sabia que era a pomada, e eles não me explicavam nada sobre isso. Quando eu mudei p'ra uma consulta só um outro cento. Que foi um moço que foi lá em casa, perguntou se eu queria. Eu disse que 'tava me tratando ali. Ele disse que não 'tava dando certo é porque eu não era daquela linha. E que ele ia ver num cento de mesa não sei de quei, se eu aceitava. Eu aceitei (...) porque estava doente. (...) Lá ele saiu de 2 horas lá de casa, quando foi 6 horas eu senti o efeito. Alguma coisa eu senti. Eu fui rezar, que eu tinha mania de rezar p'ra pedir a Deus p'ra curar meu pé, não sei o que. Acendia vela. Comecei a rezar e a vela não queria acender de jeito nenhum, caiu toda hora. Foi que eu pedi um caneco, acendi a vela dentro do caneco e tal. Depois eu me deitei (...) Eu fiquei de joelhos que eu não podia ficar. Quando eu fiquei de joelho que me desmanchei, levantei, me vi, tinha 3 fitas de sangue no ...

(FIM DA GRAVAÇÃO)

(19)

Fita 6 —> bloco 3

M Mas você acreditou no que eles fizeram porque eles te curaram.

J Claro (...) que eu acreditei.

M Mas aí depois quando você vai p'ra lá p'ra escola ... (...) Porque eles não pregavam (...) que esse mundo no universo não existia

J É eles pregavam mais ou menos assim dessa maneira. Algumas pessoas diziam que tinha alguma coisa, mas que não tinha nada a ver. (...) Era assim como quem tivesse falando de alguma coisa da natureza (...). Ficava lá por longe que não dava p'ra "min" entender. Agora ...

M Não tinha ninguém que participava que antes participava da igreja, de centro espírita ...

J A gente não procura isso não. (...) Certamente todo mundo pertence a uma religião, quando entra no partido sai. Eu quando participei desse negócio no centro que nós me curaram. Foi outro centro que me curou. E dali eu fui saindo e não conseguia ... até as 10 horas da noite, eu crente que estava acordada e não estava. Quando eu vi os elhos assim, eu 'tava vendo aquela mulher botando remédio no meu pé e tal, refrescou. E ali parou mesmo, tem alguma coisa sim, porque parou. Eu senti a mulher botando os panosículos, uma escova com uns vestidos e umas camisetas todo branco. E botava aquela água branca numa varillinha branca com os panosículos eu ciava. Eu mandei parar. Enquanto eu estava falando que o José escuteu e disse: — Eu não estou merendo um pau nenhum. E eu estava como quem 'tava dormindo, mas eu não estava sentindo que eu estava dormindo. Eu 'tava numa elevação qualquer. Então, quando eu acordei, nem um pinga de dor no pé. É que eu não dormia 60 dias e 60 noites, sem dormir. Aí (...) os pés quando a gente lava não fica correndo um (—) entre os dedos, eu fui de vacuinho passei o não entre os dedos 'tava assim meio úmido. E o pé correndo aquela fresquinha não tinha pano nenhum. (...) Eu aí voltei, acendi o fósforo, olhei 'na 10 horas da noite. Apaguei o fósforo, dormi até o outro dia 8 horas da manhã. Dá p'ra cá não senti mais nada. Então houve alguma coisa. Isso foi em 1948. Eu fui entrar no partido em 1954.

Fita 6 — lado B

J (cont) (...) Mesmo com as aulas que eu recebi não ficou limpo da minha cabeça que não existia alguma coisa, não. Porque eu tinha visto, eu tinha sentido. (...)

M Mesmo com toda doutrina do...

J Mesmo com aquela toda doutrina não saiu da minha cabeça aquilo. Eu digo: — Tem alguma coisa sim, porque eu senti. E eu não vou nem dizer que sim porque eles vão dizer que eu estou mentindo. (...) Passei muito pouco isso pra frente. Porque quem é (...) radicalista, é aquilo, ainda que esteja errado é aquilo, aquela tese. Eu acho aquilo horrível. Então eu ficava na minha, fiquei calada. Eu acho que o que cura a gente também é a concentração da mente. Vale a concentração da mente. Porque quando o meu marido estava preso eu conscientizei a minha mente, (...) eu não dizia conscientizem do a mente não, eu ia fazer uma peça, um pedido, uma coisa (...) pra mesma pessoa que curou meu pé, que eu não sei quem era. Então eu fazia essa concentração quando eu via ele passar com os olhos amarrados, com a venda nos olhos, virada e não pra trás é com aquelas algemas, eu já sabia que ele ia apunhar. Então, o quê que eu fazia, saía fora das 2 companheiras, ficava lá no cantinho, ficava me concentrando pedindo àquela pessoa que curou o meu pé pra salvar ele. Pra adormecer ele de um jeito que ele não sentisse aquelas pancadas. E houve resultado, porque depois que a gente saiu, que a gente conversou, saiu dali daquela ordem política (...)

M Doe cod

J Doe cod. Quando a gente saiu do DOECOD, fomos pra polícia política. Lá ele foi pra lá pra Itamaracá e eu vim embora. Passei 32 dias e ele foi embora pra Itamaracá passou 2 anos. Então, quando eu ia visitar ele a gente conversava e tal. Lá ele no meio da gente conversando ele dizia as sim: — Olha, rapaz, eu estava com tanto ódio, com tanta raiva que eu não sentia uma pancada que ele me dava. Lá eu liquei logo meus pensamentos. Então, existe alguma coisa sim. Pode ser a concentração da mente. Vale isso. →

J (cont) Só que isso a gente só consegue quando 'tá nas últimas conseqüências. Eu pelo menos sou assim. Nas últimas conseqüências se eu conseguir mentalizar eu consigo alguma coisa. Agora p'ra chegar na última conseqüência é que eu não sei. Então, quando eu vi ouando digo: ele vai morrer. Sabendo do coração, vai apertar daquele jeito. Aí eu concentrei, e a outra que 'tava p'ra lá, e não sei o quê: - lala boca!

M Você tinha muito medo dele morrer?

J Claro. Aí a outra falou: - lala boca que ela 'tá ligando, não sei o quê. Eu ficava separada das outras p'ra não me atrapalhar.

M Você foi apaixonada pelo Ruy?

J Ah, eu gostava muito dele (...). Só que eu fui gostar mais ainda depois que eu casei. (...) Eu casei praticamente assim... porque eu queria sair, sair daquela vida de escravo. Quer dizer, sair de uma escravidão p'ra outra como diz o outro. Mas eu queria sair daquele negócio de todo mundo me mandar, (...) eu só atender os outros (...). Então, eu não namorei. O nosso namoro não foi namoro. Era: - Quer namorar. Quer não sei o quê. Gosto de você, não sei o quê. Tudo por conta. Nunca escrevi uma carta p'ra ele nem ele nunca escreveu p'ra mim dizendo: - Eu aceito um beijo. Eu nunca recebi uma carta desse tipo, nem nunca mandei uma carta desse tipo. Por aí você vê. Pessoalmente eu chamava ele de senhor. Tanto ele como o 1º, que eu fui noiva 2 vezes. Eu chamava de senhor. Só fui deixar de chamar quando já estava quase casando. Que ele chegou no dia 16 de agosto e no dia 29 nós casamos. Também de 16 até 29 nós só nos encontramos uma vez. Quer dizer, e aí isso eu não tinha paixão antes de casar. Agora depois que eu acostumei com ele, aí sim eu gostava muito dele. (...) No centro eu entrei p'ra pagar esse benefício que aquele centro tinha me feito com aqueles remédios. Eu sempre me achava assim, quando eu recebo um favor eu me acho na obrigação de fazer outro. Não vou pagar, mas vou retribuir alguma coisa. Não conte que vou pagar, porque favor não se paga. Mas eu conto que a gente vai retribuir alguma coisa.

(20)

Fita 6 → Lado B

J (cont) Então, eu fui retribuir ao que eles me fizeram. 'Tá lá', elas se tinham febre, davam remédio, davam comida, davam pão torrado p'ra gente comer. Então, aquilo que eles faziam eu achava que podia retribuir indo p'ra lá.

M Quem que fazia isso?

J O cenho. (...) Algumas pessoas do cenho. Então, eu achava que p'ra retribuir eu tinha que limpar aquele que chamavam terreiro, era um quintal, um lugar aberto com um telheiro. Um telheiro e 2 cozinhas. Uma só p'ra homem dormir, outra só p'ra mulher, mais uma cozinha. Que eles faziam comida do santo mais forte deles. E eu ia p'ra lá ajudar em tudo isso. Eu arrumava, mudava água das flores, mudava as flores, era flor do campo mesmo. Devel via ficha. Quer dizer, a minha ajuda que eu dava a eles. Eles me rodavam p'ra ver se eu não pegava santo, eu nunca peguei santo nenhum. Então, eu entei no cenho mais p'ra isso. Depois, aí o José aproveitou. Ele também fazia parte. Botaram ele p'ra cambono, não sei o quê. E ele começou a conversar. (...) Como a gente tinha a intenção de criar a associação dos lavadores fluminenses. Aquelas pessoas, a maioria deles, era tudo lavador dos que vieram dali mesmo (...). Aí através daquela massa de gente que ia ali, o José conversava eles, botia um papo. E ali se arrumou pessoal p'ra gente criar a associação dos lavadores fluminenses. Através do cenho. Depois houve lá uma confusão.

M Escuta, você nunca frequentou nenhuma outra igreja porque você 'tava numa área afastada e depois ficou trabalhando como empregada doméstica nas casas.

J Olha, (...) a minha mãe não assim muito católica (...), meu pai era mais não era muito. Mas a minha mãe era católica mesmo. Ela não penteava cabelo na sexta. Feia do sábado, não varria casa, a gente tinha que varrer tudo de noite, aquelas coisas todas que mandava na igreja, ela fazia aquilo. E eu ia p'ra procissão quando ela ia, (...) ela ia p'ra missa, eu ia com ela. Ia p'ra procissão, eu não gostava das procissões, só gostava da procissão do Senhor morto porque não tinha fogo. →

Fita 6 → Bado B

J (cont) Eu não gostava de escutar estouro de foguete. E eu participava. Quando ela morreu, eu continuei. Fiz promessa porque eu tinha dorça de olhos, essas dorças que "dó" aí. Eu tinha quase todo ano aquele tipo. Eu fazia promessa p'ra Sta. Luzia...

H Que dorça você tinha nos olhos?

J Era aquela dorça que cda o olho, que amarelece doendo. Conjuntivite que chamavam aqui, "né"?! Era na dorça de olhos que eles chamam. Então, quando eu tinha aquele tipo, que aquilo era horrível. Então, eu fiz promessa com Sta. Luzia como criança. Eu tinha 3 anos quando a minha mãe morreu. Fiz promessa p'ra Sta. Luzia p'ra dar uma galinha, não sei o quê. Era uma perquinha que tinha lá em casa, aí parece que a galinha morreu, não sei como é que foi. E eu dei os ovos da galinha e veio pintinho, e eu esperei crescer, vendi, comprei vela e levei. Eu tinha 9 anos mas era um adulto praticamente. Qual era a criança que ia fazer isso?! Criança não faz isso. A criação do pessoal do Norte, não sei se são todos, mas é mais ou menos assim, criança nova já está madura. Depois eu fui perdendo a crença da seguinte maneira: Quando eu fui p'ra casa dessa família, eles me judiavam muito, (m) me deram muita pouca de por nada. Depois eu fiquei muito nervosa, dei p'ra urinar na cama já com 12 anos. E eles me bateram na rua com uma tabuleta nas costas dizendo que urinava na cama. Eles viam batendo tambor atrás com uma lata velha. E eu ficava com um ódio daquilo, nunca dei resposta nenhuma, mas eu odiava aquilo. Aí eu fiz as minhas promessas a um cuto santo e dava um prazo p'ra "mim" deixar de urinar. Que se eu deixasse de urinar que eu fazia não sei o quê, que eu não me lembro mais o quê que eu prometia, (m) também não me lembro o santo. (...) Fiz isso assim, não sei se era ficar de joelhos tantas horas, não sei, eu prometia alguma coisa. Mas eu dava aquele prazo e nada. Eu fazia com outro, dava o prazo e nada (m) Então, a mulher ia p'ra igreja todo domingo, com um negócio de hóstia (...), cantar, não sei o quê, sacramentos. E quando chegava (...) perguntava: - Vê se aquela sem vergonha molhou os calções direito.

Fila 6 → Lado 3

J (cont) Então, (...) eu fui guardando aquilo tudo como revolta. Achava que não tinha um santo que me ajudasse. Eu só levava pau, como diz o outro. E eu tinha aquela tística comigo. Foi indo, foi indo... (...) Eles me botaram dentro de um trem 5:30 da manhã, cheguei 4:30 da noite em outro estado que foi Nacões. Aí quando eu cheguei lá que eu conheci a minha madrinha, minha madrinha passou 3 dias me passando cartão que pensou que eu tinha fugido. E a minha madrinha também era muito (...) carola, como diz o outro. Muito católica. Carola, só fazia também o que a igreja mandava. Se submeteu aquelas todas miudades que o meu padrinho fazia. Se submeteu a não sair de casa p'ra conto nenhum. Foi uma vez eu outra era que ia p'ra uma procissão ou uma missa de defunto. Foi uma vez no cinema p'ra ver o filme de Cristo. Quer dizer, eu não saía também do mesmo jeito. Já 'tava acostumada a não sair, ali pelo menos eu não 'tava levando pancada. Não tinha criança p'ra me bater. Que as crianças até dez anos "pedia" até me morder, pinta o 7, que eu era empregada. Não era empregada, na cidade, porque empregada ganhava salário e eu não ganhava um tostão. Ganhava era roupa velha, usado, p'ra reformar e vesti de então umas fazendas de rodízio. Que eu já tinha saído daquelas fazendas que lá só comprava ou vermelho ou azul ou preto e eu não gostava. O modelo era só um éra feito camiseta, eu não gostava. Quer dizer, eu fui criada feito bicho. (...) Eu me revelei um bicho. Quando cheguei na casa da minha madrinha não queria conversa com ninguém, não ciava brincadeira com ninguém, era um perfeito bicho que fala.

M Você 'tava falando p'ra gente que você tem amigos íntimos, você tem ido p'ra ISE com amigos íntimos?

J A Olga, como eu conheci ela eu congresso, a gente conhece muitas pessoas

M Você conheceu ela em congresso?

J Talvez tenha conhecido em congresso. Eu não sei como é que foi que eu conheci a Olga. Eu tenho impressão que (...) foi num desses congressos de sindicato, sindicalista, essas coisas. →

Fita 6 — lado B

J (cont) Eu encontrei ela, não me lembro mais como, e ela conversou comigo. (...) Porque quando eu falo em campo, sempre tem uma pessoa que vem cá. Toda conferência, reunião, qualquer coisa que eu vou (...) e falo sobre o campo. Porque eu gosto de falar sobre o meu trabalho, o que eu desejo que façam pelos lavradores, que o povo da cidade reconhecesse que eu che a barriga às costas do lavrador. É que ninguém dá atenção, que é uma rapa esquecida. Os lavradores são esquecidos, as mulheres, lavradoras muito mais. Então, é que tem sempre 1, 2 pessoas que vem conversar particularmente comigo, que queriam alguma coisa. De 1º tinha até serviço de televisão que vinha, televisora falando alguma coisa. Inclusive o PC fez muito isso comigo através das organizações deles, CPT, não sei o quê. Então, eu conheci a Elza assim, não me lembro em qual dos congressos. E ela sempre (...) perguntou se convidasse pra "min" lá se eu ia. — Eu vou! Lá ela começou. Lá eles fazem um plano assim de reuniões pra falar num certo assunto (...) a parte de mulher e teologia. Lá me convidou, quando eu posso eu vou. Comecei indo. Não gosto muito não, porque eu não sou muito de discutir religião, eu não sirvo pra discutir religião. Mas eu falei com ela. — Eu não sei o que que eu vou fazer não. Eu não gosto de discutir religião, eu não sei discutir religião. — Você 'zeza é só pra você dar uma ajuda e tal. Como tem a CPT, eu sei que a CPT ajuda, tá no trabalho com os camponeses, eu achei que ela também 'tava na CPT, e eu ia dar uma ajuda sobre o lavrador, na pessoa dela pra ela espalhar por onde ela andasse. E foi assim que eu comecei a me incluir nas reuniões que tem no ISE. (...) Tere uma época aí que teve uma reunião por mês, (...) eu não fui nessas reuniões todas por 'tá em tal lugar, por 'tá em outra coisa, por 'tá ocupada. Mas sempre fui a algumas. Então, quando foi no preparação pra falar sobre a ECO-92 eu tive uma reunião lá. Sugeri que alguém fosse no conselho pra se interessar do que era a ECO-92. Lá eu faço um intercâmbio de (...) ISE e conselho estadual dos direitos da mulher. Porque se cá está falando em mulher e lá também, então se une os 2, fala em mulher os 2, e vê se alguém pode aproveitar alguma coisa. —>

(24)

Fita 6 - > Abado B

J (cont) (...) Toda vez que ela faz convite, eles lêem uma parte da Bíblia e pede p'ra gente fazer uma história, o quê que achou dali. P'ra mim isso é horrível porque eu não vejo aquilo, como eu não trato de religião eu acho a maior dificuldade.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

J Então, nessa última reunião que teve... (....) Teve até umas coisas que eu gostava de participar mas eles escolhem outra pessoa. Teve um padre lá, teve uma criança abandonada, mas isso em outras reuniões. Mas nessa de agora (...) eles levam um título... (....) me parece que 'tá até aí, não tem nada certo. Uma escrita que eles tiraram pouco que da antiq. Bíblia, do antigo testamento, um negócio assim. E eles tiraram aquele nome e levam um pedacinho. E me botaram no pior lugar. Disseram que eu ia representar o (—), sei lá. Aí eu disse: — Quem é esse homem. Aí de acordo com o que eu tinha escutado, eu tinha escutado umas coisas meio atrapalhadas, 'tava juntando o exemplo com alguma coisa que tinha-se lido, não 'tava entendendo bem. (...) — Eu não entendi direito, não. Começa aí de novo. Explica p'ra mim o que é isso. O que é que esse (—) fez?

— Fez isso assim, assim. Eu digo: — Ah, meu Deus do céu, me bota noutro lugar que eu não quero ser isso não! Eu não gosto de fazer esse papel. Boga esse, p'ra eu fazer isso (...). — Não 'zeja, que não sei o que é tal.

— Tá, então eu vou ver o quê que posso fazer, não vou garantir que vai prestar não. Porque eu não tenho prática p'ra isso não. Eu não me sinto bem nesse papel não. Aí (...) foram tirados 4 grupos e o nosso grupo tinha 4 mulheres, e tal. Cada uma ia defender. Todas 4 eram esse tal de (—).

(...) Aí eu contei p'ra eles o quê que eu achava. Eu digo: — Olha, eu acho isso muito errado, acho isso uma ignorância muito grande. Eu não gosto de fazer esse trabalho porque isso é uma ignorância. É uma obediência aos demais. Eu acho que eu 'tô com raiva desse papel. Deus que me perdoe, falar aqui com vocês (...) mas vou fazer uma crítica a esse papel.

→

3 (cont) Eu acho que se Deus viu que o cara (...) pediu p'ra sair da guerra com a vitória e ele prometeu uma pessoa ... ele não sabia que era a filha dele que ia sair em 1º lugar. Ele tinha que ver que ele não devia ter pedido isso. Ele devia ter pedido outra coisa. Mas pediu uma pessoa, a pessoa 1ª que saísse, que passasse na frente dele, que ele tinha que dar aquela pessoa, queimar numa fogueira como paga da promessa que ele fez. Isso aí é uma ignorância muito grande. E no que se refere a Deus, a minha crítica é o seguinte: se ele viu que o cara era tão ..., porque isso é uma ignorância, se o cara era tão ignorante a esse ponto, ele tinha que dar uma coisa qualquer p'ra esse homem p'ra não matar a filha dele queimada. No entanto o que eu considero, isso aí é um castigo que ele deu a esse (Jelexon?). Que foi queimar a própria filha. Foi deu como castigo sair na frente a filha dele e ele ter que pagar o castigo como a própria filha. Eu acho que ele devia ver o seguinte: que já que saiu a filha dele, que ele tinha coragem de botar a filha dele no fogo p'ra queimar, p'ra sacrificar, p'ra satisfazer a promessa que ele fez a Deus, que Deus tinha que mostrar uma coisa a ele p'ra que ele não fizesse isso. Que ele se rebelasse de uma qualquer maneira e desse outra dica, que não fosse a filha dele que fosse queimada. Eu acho que isso daí já é um preconceito contra a mulher. Eu acho que esse coisa aí foi escrito por homens que não contra a mulher. Eu não digo que foi Deus que escreveu isso não, que aceitava isso não. Deus nunca aceitou isso. Eu não acredito que Deus aceite tamanho sacrifício, desse tipo. Eu não aceito isso. As outras foram e disseram: — Mas naquele tempo tinha que aceitar (...). Por isso que eu digo: — Se fosse homem, eu tinha certeza que ele não tinha deixado queimar. Se uma conversou uma coisinha lá, outra conversou outra (...) eu sei que uma delas disse o seguinte: —

Fita 6 → Lado B

J (cont) — Ele podia ter feito sim, (...) como fizeram com Abraão.
 (...) Prometeram queimar não sei quem... Eu pensei que era quem
 iria o Abraão. Prometeram queimar o Abraão, no entanto na
 hora, Deus apresentou que ele trocasse o Abraão por um carneiro. Eu
 digo: — Então, é eu não é preconceito? Foi eu não foi homem que
 fez isso? Jesus não fazia isso não. Deus não faz isso não, gente.
 Isso é uma ignorância muito grande. Ai eles disseram: — Bem
 Josefa, o negócio é o seguinte: você tem que se defender. Chegar lá
 fazendo o papel de (...) e se defender. Eu digo: — Você sabe como
 é que eu vou me defender?! Eu vou dizer que eu fiz isso porque eu
 era um ignorante, porque eu não sabia o que estava fazendo.
 Porque isso eu me sinto hoje um criminoso, um assassino. Me
 sinto completamente perdido na vida. Não tenho mais prazer de
 viver de forma nenhuma. E eu acho que eu sou um assassino p'ra
 fazer isso. Isso é uma ignorância muito grande. É ainda crítico
 mais uma vez a Deus por ter deixado ele queimar a minha filha.
 Que ele podia ter feito como fez com Abraão, apresentar outra coisa
 p'ra "min" queimar. Mas ele apresentou como castigo a minha pró-
 pria filha e eu tive que queimar ela.

M E eles?

J Eu sei lá o que eles falaram lá. Toda um deu a sua intervenção

M Mas na hora de fazer a apresentação?

J Foi essa a apresentação que eu fiz. (...) A minha defesa foi essa,
 dizer porque fiz e como fiz, mas também (...)

M E aí o quê que você falou?

J Eu disse que não acreditava que Deus fazia aquilo (...)

M (...) O que eles disseram?

J Eles não disseram nada. Toda um fez a sua intervenção mas não
 tocou no assunto. →

(28)

Fita 6 → Lado B

(DESLIGADO O GRAVADOR)

5 Então, nessa reunião que eu tive na (—), eu falei seguinte: Porque de acordo com o desenvolvimento do que eles 'taram falando eu achei a necessidade de se falar, tinha que ter uma reunião depois, p'ra falar da sexualidade entre as mulheres do clero, as mulheres religiosas. Que o que eu estava achando ali era que a religião é obrigada a passar mais a frente, dar mais um passo a frente. Que pelo jeito que eu estou vendo a religião ainda está baseada em coisa de não sei quantos milhões de anos a.C. Porque diz que tem que casar de véu e quinalda, se não casar de véu e quinalda é pecado. Diz que é proibido fazer o aborto. Então quase certeza que tem padres aí, que eu conheci a muito tempo, que eu soube de padres que "andou" com as costelas das filhas de Maria, e como é pecado, pegou pagou outra pessoa p'ra casar no lugar dele p'ra criar o filho que ele fez. Isso eu acho que é muito mais pecado do que a pessoa casar sem ser de véu e quinalda. E também esses negócios de dizer que ter filho que não tem pai... E falei ali um bocado de coisas que acontecem, ainda hoje aconteceu essas coisas, mas que antigamente era muito pior. Não vai se dizer que não era porque era. Mas que a gente precisa fazer uma reunião no nosso meio, no meio das pessoas católicas sobre sexualidade. Sexualidade, minha gente, é uma coisa que Deus deu. Que se ele não quisesse que a gente fizesse sexo ele não tinha dado p'ra gente. Como é que ia fazer crescer o mundo se não fizesse sexo?! Ele não mandou: "Crescei e multiplicai", como é que vai multiplicar se não fizer sexo? Aquela história de Adão e Eva p'ra mim aquilo é papo furado. Que apareceu o Adão e não sei o quê. Que a mulher foi feita da costela do Adão. Que o homem foi feito de barro, a mulher foi feita da costela do Adão. Quer dizer, isso aí já é reprimindo p'ra dizer que a mulher tem que obedecer ao homem porque saiu dele. Eu quero ver se não tiver uma mulher se nasce um menino. —

Fita 6 → lado B

3 (cont) Então, essas coisas eu falo em qualquer lugar, gente. Que se revela uma coisa contra. Por exemplo, contra o aborto. Eu também fui contra o aborto, eu não vou querer que ninguém mate seus filhos antes de nascer. Eu sou contra o aborto, nesse ponto sou. Agora, que é melhor legalizar essas desgraçadas, infelizes que estão aí fazendo aborto porque não têm condições de criar. Elas estão, essas mulheres, garotas de rua 'tá se perdendo com as crianças de rua também. Aparece o filho, às vezes mata e joga na lata do lixo. Então, p'ra essas pessoas que fizeram o aborto clandestino porque não têm condições, que se legalize. Porque o aborto vai continuar a mesma coisa legalizado ou não. Então, o que mais perdeu no conselho estadual dos direitos da mulher, através dele também, que haja a legalização do aborto. E p'ra que essas mulheres sejam tratadas como gente e não como bicho. Porque como elas vão assim como estão indo como bicho, o quê que está acontecendo? 25 milhões de mulheres fazendo aborto, e 400 mil morrendo de aborto porque não têm assistência, não têm médico, não têm nada. P'ra essas mulheres não "fazer" aborto tem que ter uma educação sexual dentro da escola, dentro de qualquer comunidade. Porque que não se deve fazer sexo com 10 anos, porque não se deve fazer sexo com 12 anos, o quê que faz uma moça de 14 anos 'parhar filho, como é que faz p'ra ter o sexo seu 'parhar filho. (...) Então, eu falo isso sempre, quando eu posso falar alguma coisa eu falo isso também. Foi eu falei com elas, vocês fizeram uma reunião. Se vocês "quiser" eu trago até uma pessoa p'ra fazer a palestra com vocês. (...) Elas disseram que queriam falar sobre sexo, tiraram uma comissão p'ra tratar disso, mandaram o convite por mim, eu levei o Edite. Edite foi fazer a palestra. Então, a mulher não quer falar, o que a gente notou, (...) do sexo dela, não quer falar de filhos, nem quer falar de mulher casada. →

(28)

Fita 6 → Bado 3

J (cont) Bem é que vai falar de sexo sem falar essas coisas?!

M Quem não quer falar sobre isso?

J As meninas que eu propus que falassem sobre sexo, as meninas do ISE.

Então, eu não sei o que elas querem. Não deu p'ra "minu" entender. Só deu p'ra "minu" entender, que talvez, tejo enado mas eu não sei, que eu nem falei com elas ainda, mas quando tiver possibilidade eu vou falar porque eu não falo nada escondido. O que eu entendi foi o seguinte: só se elas quiserem sexo de uma mulher com a outra, só se for isso. Porque não quer saber de vida de casado, como é que faz sexo sem ser casado, sem ter marido? Não quer saber de filhos, não quer saber de casamento. O que elas querem, então? Então, esse é um negócio que eu não entendi ainda, mas que mais p'ra frente eu vou pensar se eu continuar indo às reuniões. (...) Eu sei que fiziam a reunião. Edite foi p'ra lá disposta a dar muita aprovação sobre o assunto (...), dar as experiências. Mas quando chegou lá que viu aquilo, ela disse: — Aquelas mulheres querem ser é... Eu não me lembro o que ela disse que ela quer ser, que é da igreja. Eu vou me lembrar quando você falar a palavra.

M Celibatório!

J Celibatórias. Edite disse: — Eu vou ali, as celibatórias não "quer" saber nada de sexo, Zefa. Que jeito que eu vou dar ali. Quer dizer, já sei que se chamar ela outra vez que ela não vai. Que as mulheres não se declararam. Não "quer" falar em casamento, não "quer" falar em filho, não quer falar em sexo.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

J Também já cheguei a dizer a elas o seguinte: Por exemplo, eu sou contra esse negócio de padre não casar. Eu tenho falado com algumas delas. Porque padre p'ra mim, p'ra não casar p'ra ser padre ou ele tem que ser velho demais, já tá bobeirão ou então ser esbado. Porque se não for isso quem vai pagar o papo é as filhas de Maria, eu acho. →

(30)

Fita 6 → Bado B

J (cont) Eu falei isso com algumas delas. Porque o padre é um homem como outro qualquer e muito mais forte, porque eu nunca vi padre pobre. Padre pobre não toma vinho, muito mal se toma uma cerveja no dia de domingo, se puder. Muitos deles nem isso. Mas quem é padre é uma pessoa enolizada que toma o seu bom vinho, sua boa bebida, sua boa comida. A gente olha pra cara do padre é geralmente um homem vermelhão, cheio de sangue. Aquelas hemens (...) "vai" ser casto?! Não vai. Então, pra ser padre do jeito que a religião manda, eu acho que isso é demagogia, ou o padre tem que ser um homem bem velho que já tenha barba e não tem que ser capado, gente! Se não quem vai pagar o fato é as filhas de Maria.

(DESLIGAR O GRAVADOR)

J Tem uma palestra que eu fui num cento desses lá, que eles leem um texto na Bíblia. Que era um rei lá daquelas "religião" que havia na Bíblia, que era um alto fazendeiro, tinha uns fazendeiros, tinha sítios, tinha não sei o quê, palácios (...) e que dava um tratamento a mulher. Quando eu vi e voltei a mulher eu fui prestando atenção em qual era a leitura. Então, o negócio foi o seguinte: lá que ela quando foi nas intervenções...

FIN DA GRAVAÇÃO.

Fita 7 → lado A

J Então, eles 'taram falando sobre ... (INTERVENÇÃO EXTERNA) a mulher daquele rei daquela época de ... do nascimento de Cristo ..., lá do tempo de Cristo. No tempo dos reis. Mas o rei que eles falavam (...) era um rei que 'tá na Bíblia. Então, diziam o seguinte: 'tá renunciando a mulher, dando valor, e tal p'ra uma coisa e outra ... aí eu 'tô escutando. Quando foi depois, falou que ela dava conta da casa, que ela dava conta dos empregados, que ela controlava tudo direito na comida, uma coisa mais ou menos assim e tudo. E quando tinha tempo ainda ia ajudar o marido vendendo roupa na rua, vendendo fazendas, que não sei o quê. Aí eles viram isso e depois pediram p'ra eles ...
(DESLIGADO O GRAVADOR)

J Então, depois eles leram aquilo, a gente discutiu. Então, p'ra cada um dizer o quê que achava daquela história. Bem, o que eu achei foi o seguinte: eu digo - Bem, 'tá tudo bem aí mas tem uma coisa, 'tá elogiando a mulher não é porque ela seja, uma mulher (...) que já esteja esclarecida em alguma coisa, que tenha um papel privilegiado. O que eu estou vendo aí é um elogio pelo trabalho dela. Quer dizer, eu não vou deixar de dizer que esse homem não é machista.

M Qual era o texto bíblico que 'cê 'tava ... ?

J Então, aí eu digo: - Olha, isso aí, o que eu acho é o seguinte: não 'tá falando de dar valor, é sobre o trabalho. Bem, o que eu queria ver era dar elogio a uma mulher pela capacidade dela (...), não sei se vale aí. Qual é o valor que tem aí a mulher? A mulher tem valor p'ro homem. 'Tá elogiando é ele. A mulher do seu Fulano é isso, é aquilo. Quer dizer, ele é quem dá as ordens. Então, isso aí p'ra mim não é elogio nenhum p'ra mulher. Eu 'tô achando isso aí é ... disse lá um troço que eu não me lembro. O maior valor que pode ser dar a mulher e acabar com o preconceito e a discriminação que existe sobre ela

(2)

Fita 7 → lado A

M Por exemplo, ————— não vai te convidar nunca mais,
p'ra você ir...

(INTERVENÇÃO MASCULINA)

J É isso que eu acho. O negócio aí, o começo do mundo já foi
feito por machista. E eu não quero saber desse negócio desses
elogios não. Começou por aí, né!?

(DESLIGADO O GRAVADOR)

J (...) Eu não me lembro da política antiga, porque eu fui
criada numa casa de família que eu não podia prestar atenção a
nada, só prestava atenção no serviço. O que eu sei é que devi-
do a como se manifestava o patrão, ele era getulista. Porque ele
batia no peito e fazia discurso igual a Getúlio: "Não sei o quê,
brasileiros. Trabalhadores, não sei o quê!" Então, dava p'ra
"mim" notar, hoje eu me lembro, dava p'ra "mim" notar que ele
era getulista. Agora em (...) 45/46, que foi quando acabou a
guerra em 45, foi que eu vim começar, devido a discussão do
José, foi que eu vim começar a ver o que era... a falar alguma
coisa, pensar assim. Porque ele, o partido, veio a tomar naque-
la época. Começaram a falar em Getúlio Vargas. Mas eu já
sabia, não sei como, eu soube logo de primeira (...), acho que
foi por causa do fim da guerra mesmo, que Getúlio Vargas
tinha prendido Luís Carlos Prestes. E que fazia 9 anos que o
Luís Carlos Prestes preso, e ele soltou. E que a mulher de Car-
los Prestes tinha morrido num campo de concentração no Alema-
nha, eu achei isso o maior absurdo. E que a filha dela tinha
nascido num campo de concentração. Uma vez eu fui a um co-
missão e vi a garotinha dele com ele. (...) Eles fizeram uma
folhinha, não sei se foi em 46, uma folhinha do ano com o retra-
to dele com a garota assim, parece que nas costas dele. Uma garota
até que era muito bonita quando era criança. E aquilo eu fui
botando na cabeça. Agora, politicamente eu custeri muito a desemba-
raçar porque eu acho, até hoje tem algumas coisas (...) que eu sou
meio esquisita, talvez não entenda bem →

③

Fita # → Lado A

J (cont) Mas que eu acho um absurdo. Por exemplo, naquela época depois de tudo, que acabou a guerra, que Getúlio soltou Prates, aquela coisa toda. Fizeram uma aliança, acabou a ditadura. E fizeram uma aliança p'ra que o Getúlio Vargas fosse candidato à presidência. Eu não concordava com aquilo de jeito nenhum, achei o mais absurdo...

M E ninguém do partido explicava isso? Por que da aliança?

J Não, eu não era do partido. Eu fui entrar no partido em 55, isso foi em 45.

M Ah, sei.

J Eu não entendia nada. Não podia nem saber onde tinha o partido.

M Depois quando você entrou p'ro partido ninguém discutia sobre isso...

J Discutia, discutia! Dizia que era feito porque (...) precisava ter uma aliança porque era a pessoa que mais ganhava o povo. Apesar de tudo ainda ganhava o povo, devido a alguns benefícios que ele fez. E eu não entendia de jeito nenhum, mas a tarefa nossa era votar no partido, como os outros votaram eu votei também. Eu nunca saí fora das tarefas do partido não. Se bem que aquele tempo eu não era do partido, mas meu marido era e dava algumas explicações sobre o assunto. (...) O que eu pudesse arranjar p'ra votar no Getúlio eu arranjava. (...) E' mesma coisa hoje, agora quando foi na época de Moreira Franco. Só que agora eu botei um apelido. Disse que tinha 2 diabos, um de 2 cliques e um de um. E que o Moreira Franco tinha um clique...

M Você votou no Moreira Franco?

J Voti no Moreira Franco, que eu disse que ia vir Jesus...

M Mas essa eleição que você 'tá falando aí do Moreira Franco foi em oitenta e...

J Já foi agora. Mas mesmo assim eu já não concordava, não.

M Mas você tinha opções, você tinha partidos mais p'ra esquerda do que antes.

J Eu sei mas a minha tarefa era... eu me achava...

M Já tinha feito uma aliança com ele.

(4)

Fita # → lado A

J Eu me achava que eu (...) devia obediência ao partido. Porque, inclusive, eles me deram muito apoio, muita coisa, muitas aulas, muitas explicações. Ainda fui a União Soviética por causa ... ainda fui ao Congresso Mundial de Trabalhadores por causa do partido. (...) Eu acho que nunca pago essa ... é uma gratidão que eu tenho com o partido. Talvez não tenha mais nem ninguém daquela época no partido, não sei. Deve ter muito pouco que nem tá por dentro do assunto. Mas que eu achei que eu devo uma ...

M Mas por que que dessa vez ... A verdade é que o PPF nessas últimas eleições fez uma aliança com o PT no Rio de Janeiro, né!? Com a Benedita da Silva. O PPF apoiou a Benedita da Silva, entrou na Frente da Felicidade. É por isso que você votou no candidato a vereador pelo PT lá de Niterói?

J Não. Não foi bem por isso não. Até a UFF eu nem fiz campanha. É a 1ª vez que eu não faço campanha eleitoral foi essa vez. Que eu sempre faço campanha p'ro meu candidato.

M Do Moreira você chegou a fazer?

J Cheguei a participar. Embora eu encontrei um grande abacaxi p'ra descartar. Mas eu combatia, dizia por quê, explicava.

M É que que você dizia? O que que o partido dizia p'ra votar no Moreira?

J Olha, eu falava sobre as alianças, falava sobre as melhorias, falava que era o mais fraco, o que podia atender a gente, o que tinha condições de a gente apresentar alguma coisa e ele ceder. Que o outro era muito mais ... como é que se diz ...

M Inflexível.

J Não, essa palavra que eu dizia, eu me baseava nesses negócio que diz que dá lauche ... social democracia. Social Moreno, socialista Moreno, Moreno socialista xi lá o que. Eu me baseava nessas coisas e achava que aquilo era uma coisa que não era certa. É que por isso, apesar de tudo que eu considerava que um era o diabo de 2 chifres e outro era o de um. Que eu ia votar no de um.

⑤

Fita 7 → Lado A

J (cont) Que o de um era mais fácil de quebrar. Quer dizer, foi assim que nessa parte da votação mais nova foi isso. Agora ainda naquele tempo de Getúlio, eu me lembro que depois teve um negócio que eu não me lembro o quê, que entrou o Dutra. O Dutra entrou e a gente achava, eu pelo menos achava que o Dutra era uma pessoa assim militar. E que militar não sabe nada da situação do povo. Ele sabe da situação de quem está armado e de quem precisa se armar. Mas do povo, a fome que o povo passa, o preço que o povo precisa receber, o salário, essas coisas eu não achava. Olha, uma vez, eu trabalhava já fora, meu marido já estava vindo pra casa e eu comecei a trabalhar fora. E eu comprava uma bala pra as crianças toda vez que eu subia, era uma bala que chamava pura-pura, (...) era 4 por 500 réis, e eu tinha justamente 4 crianças em casa. Ai eu trazia 500 réis de bala e dava a cada um uma bala daquelas. Quando foi um dia eu passei, o moço disse que (...) não era mais 4 era 2 se não me engano. Ai eu disse: - Agora não vou poder comprar mais bala porque eu só tenho pouquinho dinheiro e as 4 era a conta de uma pra cada um, agora levo duas só da pra 2, falando assim com ele. Ele disse: - Olha miúda senhora, a senhora ainda pode botar as mãos pra cima porque o Getúlio lhe deu o direito da mulher trabalhar. A senhora trabalha porque o Getúlio consentiu que a mulher trabalhasse. Ai eu respondi pra ele o seguinte: - Olha moço o negócio é o seguinte, eu acho que muito mais justo que ele deixar uma pessoa que tem filhos pequenos, que deixa em casa pra ir trabalhar. Era muito mais justo ele dar um salário digno pra o marido poder sustentar a família, sem precisar uma mulher que tem 4 filhos pequenos em casa ir trabalhar, deixar as crianças só em casa. Era muito mais justo ele aumentar o salário do meu marido. Ai ele disse que eu estava muito bem influenciada, que eu estava muito bem educada, que não sei o quê. Mas não era nada, era aquilo que eu sentia.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

→

6

Fita 7 → lado A.

J No tempo que eu entrei p'ro partido (...) O meu marido sempre me considerava, mas eu ficava observando ele, observando os outros, alguns que eu tinha desconfiança que era do partido. Agora, teve uma vez...

M Só uma perguntinha. Eles nunca diziam... nem seu marido dizia quem era e quem não era do partido?

J Não.

M Era totalmente em segredo.

J Totalmente em segredo.

M Nem as mulheres ficavam sabendo.

J As mulheres, a 1ª que eu conheci que era do partido foi a Felisberta. Porque ela tinha ido a União Soviética. Então, se ela foi a União Soviética era do partido. E ela até foi convidada p'ra fazer uma palestra lá em Xerem sobre a...

M Felisberta de quê...?

J Jardim. Que agora não é mais jardim porque ela depois se separou. Ela não casou mais, o jardim morreu. Mas era Felisberta jardim. Maria Felisberta jardim...

M O marido dela também era do partido?

J Também era do partido. Então, (...) eu comecei a notar pelas conversas (...) que o partido era moralista. E eu achava aquilo muito interessante. Eu tenho até a impressão que se aquilo tudo tivesse durado mais tempo que tinha entrado muito mais mulher para o partido. Porque uma organização que a gente entra, que 'tá lutando pela classe operária, pela vida da pessoa, pela melhoria do povo e que a gente vê os homens tudo se debandando, namora, deixa uma, deixa outra, pega uma mulher tira pela outra aquela coisa — eu sou contra isso até hoje em certos pontos. (...) Quando eu notei aquilo eu achei que era um partido, que aquilo era o que eu 'tava querendo.

Porque eu tinha que observar também, eu era casada com um homem e eu sei lá se ele não 'tava arrumando também p'ra mim.

Então, p'ra me prevenir eu achava que aquilo era... E aí quando eu considerava alguém p'ro partido eu tocava mais ou menos nesse assunto, que era um partido de respeito. →

(2)

Fita # → lado A

J (cont) Olha era ponto, se precisasse dormir 10 homens numa sala e uma mulher, a mulher também era homem. Podia fazer isso, nós éramos considerados irmãos. Nunca precisou de eu fazer isso, de eu dormir no meio de 1 ou 2 homens por causa de uma reunião, por causa de uma coisa qualquer. Mas era isso que a gente sentia. Que tudo ali era irmão era uma grande família.

M Geralmente você tem uma sociedade altamente conservadora e machista, de repente as mulheres participando em pé de igualdade dentro do partido.

J Justamente, eu gostei muito...

M Se bem que não era bem em pé de igualdade porque vocês em sua maioria já ocuparam os grandes cargos do partido, não é!?

J (...) Eu cheguei a ser até assistente da base, mas que eu não fazia aquele papel com vontade, fazia por uma tarefa porque eu não gosto de mandar. Eu não gosto de dirigir, viu!?

M Você disse você, mas no geral... Mas também você não sabe porque você não conhece quem eram os grandes nomes do partido, né!?

J Não. Mulheres eu conheci algumas boas. (...) Essas que vieram do Rio Grande do Sul eram umas boas de base, de cabeça de base, de assistência de base, entendeu? Era um pessoal de classe média, tudo indica...

M A maioria não era pessoas do partido não, a maioria era de classe média?

J Que ia p'ra esses lugares...

M Iguais?

J Não. P'ra esses lugares iam pessoas que entendiam a leitura. Uma mesmo era eu, que me considerava. Porque eu nunca tinha ido a escola e 'tava... Então, eu achava que isso era um privilégio.

M Tinham quantas lavadoras manuais?

J Não tinham lavadoras manuais nesse tempo.

M Só tinha você!

J (...) Eu não estava nem como lavadora, eu estava como partido. Então, eu achava que aquilo ali ia melhorar... Um dos meus pontos de problemas era com as mulheres também. →

8

Fita 7 → lado A

J (cont) Eu achava muito bonito aquilo, a ideia ser irmão. Um não 'ta' com pensamento na mulher do outro, na noiva do outro, na namorada do outro. Tanto é que depois que desmanchei isso, eu senti muito. Agora naquela época uma coisa que eu gostei muito e acho que nunca mais vai haver, foi a atuação do partido pelas mulheres. O partido ensinava as professoras mulheres, elas davam aulas, elas davam explicações, elas falavam sobre o poder de algumas mulheres na União Soviética. Falando ainda em alguma coisa sobre os cursos. Eu me lembro que eles faziam explicações de como foi criado o Partido Comunista na União Soviética, quantos que foi perdido na guerra, falavam da opressão que as mulheres sentiam, que todo mundo era oprimido pelo czar - Czarismo soviético...

M Ninguém falava da ditadura Stalin?

J Não. Falavam que era ditadura do proletariado

M E essa ditadura do proletariado ninguém questionava?

J Questionava. Só que eu não me lembro mais o quê, eu não tenho lembrança. Falava sempre, sempre o que era, qual eram os direitos que eles tinham (...), como é que eles entravam para o partido, que eles eram observados primeiro uns 2 anos de acordo com o trabalho de massa era que entrava para o Partido Comunista. E que aqui a gente tinha o privilégio de entrar com um papquinho de conhecimento. Também, se fosse procurar com aquele conhecimento não existia. E... que mais. Falou sobre o domingo sangrento. Que dizer, mostravam esses exemplos de lá p'ra gente aqui passar p'ra pessoas do partido, eu no meu caso passar p'ra mulheres, que nós tínhamos que lutar p'ra que não chegasse, que nós nunca tínhamos chegado aquele ponto e tínhamos mais facilidade de chegar mais a frente. Porque mesmo com aquele domingo sangrento, com o czarismo fazer o que fez, as prisões, aquelas coisas todas... que depois quando eu fui em 56 na União Soviética visitei Sinai se não me engano, visitei cadeias onde morreram muitos líderes comunistas, onde foram presos...

→

9

Fita 7 → lado A

M Mas e hoje quando você sabe que a própria ditadura do proletariado matou milhares e milhares de pessoas na Rússia.

J (...) Isso aí foi uma coisa que eu soube a pouco tempo, que nós me conformo com isso. (...) Isso é o que está se apurificando agora juntando a minha cabeça. Mas depois uns anos, que eu nós me lembro quando, da morte de Stalin. Eu tive lá em 56 e ele morreu em 58, se nós me engano. Eu não notei nada lá sobre maldade, essas coisas. Nós deu p'ra notar nós. Eu até me admiro como é que pode ter acontecido uma coisa dessas. Ainda cheguei a ver, foi no tempo de Vulvarey. Ainda cheguei a ver Vulvarey, nós conversei com ele, mas tinha um... a gente foi dhar e ele estava lá. Eu conhecia pelo retrato que eu tinha visto numa revista, não sei se era Problema, era uma revista que tinha aí. E eu conhecia ele pelo retrato. E via... tive em fábricas, tive em creches...

M Mas você não se sentiu traído quando você descobre hoje, né, que tudo aquilo que 'tava lá, quer dizer que você foi ver na realidade, por trás você tinha exploração também, ditadura, autoritarismo...

J Eu nós... hoje ainda...

M Perseguição, falta de liberdade, assassinatos, torturas...

J Hoje... até hoje eu ainda (...) não vou p'ra esse lado. Talvez seja uma falha da minha parte. Mas até hoje eu não vejo essa parte, não sinto, não percebo

M Nós consegue.

J Não consigo perceber isso. Foi uma coisa que saiu muito depois sobre o que Stalin fez e foi errado. Eu acho o seguinte: quando sai uma revolução, p'ra ser revolução... saía, né, que eu acho que agora nem sai mais, eu não tenho fé que venha mais nada dessas coisas.

M É, isso é uma coisa difícil, né. É o que você espera aí do mundo.

J É uma coisa difícil, né? (...) Então, o que eu esperava ali era o seguinte: tinha a sociedade socialista, vi muitos retratos na rua que dizia que era de operários que venciam nas fábricas, aqui o 1º operário, o patrão é filho do patrão, é cunhado do patrão, e não sei o quê do patrão, e lá era povo.

10

Fita 7 → lado A

J (cont) Isso era o que estava na minha mente, que era o que eu estava vendo nos retratos.

M ... (ININTELIGÍVEL)

J (...) 'Tava vendo as crianças nas creches. Fui atendida por crianças que a mãe trabalhava em fábrica de cerâmica. Me dando presente de cerâmica, fazendo perguntas em português, perguntando como perguntar em português e a mãe, é assim e assim e a criança perguntar p'ra mim como vivem as crianças brasileiras. E vi as crianças cada qual mais gorda, que eu não tive coragem de pegar um, porque eu não podia com aquele peso daqueles meninos. Só olhava lá no berço brincava e pronto, não pegava. E 'tive não foi só na União Soviética, 'tive na Romênia, 'tive em Nova Escócia ...

M Mas por trás de tudo isso, 'tava acontecendo atrocidades.

J Pois é, mas eu não sabia. Eu não 'tava vendo nada daquilo. Eu não vi nada daquilo, tá!? Então, eu não tenho a mínima ideia disso.

M Mas hoje você ... Todas nós sempre tínhamos aquela utopia de nós estarmos lutando aqui pela revolução, pelas ideias socialistas. E hoje com essa crise toda do próprio socialismo quando as pessoas questionam e começam a falar: - nós não queremos mais esse socialismo que 'tá aí. O quê que você pensa sobre isso?

J (...) Eu acho que não baseando nas mortes que houve, que eu não me aprofundi nesse negócio, não quero nem botar isso na minha cabeça, das mortes que seu Stalin fez. Eu acho o seguinte: se há uma revolução socialista num país, e ele se ganha com muita dificuldade, que nada se ganha de mão beijada, o socialismo ganha. Por exemplo, ganhou o socialismo na União Soviética, eu acho que era obrigação de qualquer país ter mão de ferro no começo. Porque você já pensou o Brasil, o povo vir p'ra sua agonia brigar, sangrar, morrer todo mundo e ganhar o socialismo. Depois pronto, ganhou o socialismo fica no manso. Não fica no manso, não brigar p'ra retomar.

M Mas só que morreram milhões.

J Escuta só. Pois é, só na guerra foi 20 milhões de soldados, só na guerra contra o nazismo, foi 20 milhões de soldados perdidos.

11

Fita 7 → Bodo A.

M Não. Fora esses 20 milhões...

J Eu sei, mas eu 'tô dizendo só de guerra, não é isso?! Então, o que eu acho é o seguinte: no começo tem que ter respeito. Nego não quer respeito tem que ter umão de ferro, botar... muda seu Feliano logo, muda seu Beltrano. E quer ter mar prende, mata se for possível. Mas tem uma época que tem que parar, gente! (...) E se começar mansinho não vai nada. Você vê o Colla aí com esse negócio do "impeachment" e ele ainda 'tá... só p'ra matar...

M Mas aí você 'tá um, justifica a matança de uma certa forma.

J Não. Eu justifico a ordem no começo porque eles não vão...

M Igual o Cheguvara fez com Cuba.

J Eu não sei de Cheguvara o que foi que ele fez não.

M Ele matou.

J Foi?! Eu não sei.

M Mas no caso da União Soviética o negócio foi muito brabo, porque as torturas, as mortes, a miséria, a fome, matou milhares e milhares. Quer dizer, então se você fala que a gente queria um estado socialista onde os trabalhadores tivessem vez, como é que se justificaria você estar torturando o próprio trabalhador?

J Não dá, né?! Isso aí eu nunca soube. Sabe porque eu não me aprofundava nisso?

M E nem o partido discutia isso.

J Não, claro. Eu nunca soube.

M Justificava aqui aquela questão da ditadura do proletariado p'ra você manter o socialismo, não é?

J É. Então, esse negócio aí (...) até hoje não entra na minha cabeça. Quando houve esse negócio que saiu todo mundo p'ra rua. (...) Porque você veja que essas pessoas que saíram de lá e foram p'ra... eles não dizem nada. Aí a imprensa não fala nada. Mas já escapando por um fiozinho de vento de que eu era feliz e não sabia, é uma das teses. A outra diz assim: 'tamos desempregados, não tem... A Alemanha quando se uniu, eu ainda disse em casa não sei com quem, eu disse assim: olha, isso aí depois vai dar bode porque eles 'tão iludidos. Eles 'tão pensando que a unificação... a... a...

(12)

Fita 7 → Bado A

M A unificação.

J A unificação vai resolver o problema. Mas não vai resolver porque vai surgir o desemprego, vai surgir a fome do mesmo jeito porque estão desempregados. Eles tinham que procurar era outro tipo de luta e não esse negócio da unificação, que isso vai dar bode. Mais tarde eles vão se arrepender, vocês vão ver. Quando foi uns tempos depois saiu esses dizer ... Eu não sei como é que saiu, eu soube que teve esse negócio. É igual aquela música que tem por aí: Eu era feliz e não sabia

M Mas a maioria da população da Alemanha (...) eles 'tão disconten-
tas com a crise alemã, mas eles não querem o retorno do comunis-
mo como ele era, porque eles são contra o autoritarismo que está
nigente. Não aceitaram mais isso. Tem alguns até que 'tão processan-
do alguns líderes

J Claro, quem 'tá vindo agora. Enquanto tiver gente do partido que 'ti-
ver na direção, quem 'tiver lá vai matar eles. É mesmo que aqui a
ditadura, chegou a ditadura matou todo mundo. Estou dentro do
mar, sumiu, até hoje ninguém sabe. É a mesma coisa lá. Mudou o
regime todos eles vão morrer, os que eram mais firmes, entender?
Isso aí é uma guerra perdida. Agora o que eu acho é que teve
muita fomentação durante esses 40 anos de socialismo, em vez de
nego entrar p'ra melhorar a situação, ele entrou como espião, ele en-
trou p'ra lecionar, ele entrou p'ra fazer esse trabalho aqui ou lá den-
tro, isso é que eu acho que teve. Não é tanto, o bicho não é tão
feio quanto se pinta. Por exemplo, a União Soviética pediu ao Bra-
sil p'ra mandar café p'ra lá, eu soube disso em 56 não sei qual
foi o ano (...), pediu ao Brasil se não podia mandar o café direto
p'ra lá a troco ou de cruzeiro, ou de rublo ou de petróleo. O des-
graçado aqui do governo que eu não me lembro quem era, não a-
ceitou. Parece que foi Getúlio, não me lembro bem. Não aceitou. Por
que que não aceitou? Porque daqui vai p'ra América do Norte a
500 réis (...) e de lá p'ra União Soviética foi lá a 400 cruzeiros. 500 réis
p'ra 400 cruzeiros a diferença é muito grande.

J (cont) Então, o café eu tenho isso em mente e o resto? Se ele queria fazer ligação com Seu Eulálio p'ra mandar comida, não aceitou. Como 'tão fazendo em Cuba? Que eu peço não sei o quê...

M Por causa do boicote, né...?

J O boicote! O boicote foi que estragou a União Soviética. Aquele negócio ali de que 'tá morrendo de fome, que 'tá isso que 'tá aquilo, a grande parte foi o boicote que eles fizeram, que não ajudaram ninguém. A União Soviética quando foi salva na guerra, quando se salvou na guerra, quando ganhou a revolução deles, eles tiveram que fazer...

M Mas os líderes estavam bem, sendo bem tratados.

J Explicações. Isso é o que eles dizem, eu não vi. Então, o que eu acho é o seguinte: quando a revolução foi ganha p'ra o proletariado...

(...) Na 1ª revolução, que me parece que é de 17 se não me engano já, todo mundo cortou relações com a União Soviética (...). A União Soviética teve que fazer a fábrica de cimento deles. A União Soviética teve que plantar os pinhos deles p'ra tirar madeira. A União Soviética teve que fazer as telhas deles. A União Soviética se proveu de casas de madeira. Ninguém dava a menor bola p'ra União Soviética. Eu mesma nunca vi falar de União Soviética, durante, a não ser, depois (...) dessa 2ª guerra p'ra cá. Ninguém falou; morreu a União Soviética. Quando ela ressurgiu na revolução, (...) na 2ª guerra mundial, foi que eu fui saber que existia União Soviética. Principalmente o povo que foi saber que existia União Soviética. Ai, quando a guerra acabou, alguém chegou lá no final da guerra, que eu esqueço do lugar, na Itália não sei onde que tinha que chegar, Monte Castelo se não me engano. Quem chegou primeiro foi a União Soviética. Mas o americano não tinha chegado lá. Então, alguém falou: - Acabou a guerra! Foi preso porque disse isso aqui. Miguel de Frias, o nome do homem. Foi preso porque falou que a guerra tinha acabado. No entanto, não era nada disso. Ora porque tinha que chegar todo mundo de lá e acabar todo mundo junto ali. Até que o pessoal dizia que foi 23 de abril porque foi puto de São Jorge e não sei o quê. E no fim passou p'ra não sei p'ra quando. Então, por aí você vê. A gente fala as coisas, a gente não sabe. Por isso eu tenho as minhas dúvidas.

14

Fita # → lado A.

J (cont) Porque se eles "passou" de 17 a 45, rapaz! Sem ter ligação com ninguém, cortadas todas as relações, entendeu?! E se quando veio, foi quem venceu a guerra, a guerra venceu foi por causa deles. A guerra de 45 tem que agradecer a vitória a eles. Foi que secaram Prestes, não foi à toa. Foi que Sena Getúlio acabou a ditadura não foi à toa. Foi que houve isso não foi à toa. Foi que abriu o Partido Comunista Brasileiro não foi à toa. Então isso, quando eu vejo essas outras coisas eu me lembro e isso, isso, isso que aconteceu? E você não sabia, talvez. Se você sabe, muita gente não sabe que a União Soviética teve que começar do zero até eu cima. E como deu a resposta, foi "pá", começou pela guerra e subiu. Ai o Brasil vai, relações com a União Soviética, mas não p'ra dar ajuda, só p'ra algumas coisas (...). Você não vê maquinário da União Soviética aqui dentro. (...) Você só vê maquinário americano.

M Alemanha também.

J E Alemanha, só. Talvez agora entre japonês, porque o japonês vai comer o mundo. Então é isso, que quando eu penso nessas coisas que saíram já vai ver porque. Aqui, a América do Norte está pedindo p'ra o Brasil cortar relações com Cuba, não dar ajuda a Cuba. Porque é o único país comunista que ainda 'tá aí, que é desse tamanho, uma ilha (...). E que vai afundar por causa de dona Am. do Norte. E porque é que eu não vou pensar que foi o trabalho da Am. do Norte esses 40 anos dentro da União Soviética p'ra criar isso. (...) Penso isso sim. E mais tarde quem viver verá. Não vai escutar a minha palavra porque eu já morri, mas que isso mais tarde vocês vão ver. Porque quando descobrem lá uma coisa contra eles, a cortininha "o pá", não sai nada. Agora quando é matar Sena Fulano, matou não sei quem, a União Soviética matou não sei quem, "tá" uma notícia agora que eu não acredito, que eu não me lembro que saiu agora por esses dias. Me parece que eu lembro, eu 'tava ali falando sozinho vendo aí uma reportagem, não sei se foi aqui ou se foi ... acho que foi na casa de Edite; uma reportagem completamente mentirosa. Eu não me lembro o que foi mais, o maior absurdo. A União Soviética que fez isso, fez aquilo, eu não acredito nisso.

(FIM DA GRAVAÇÃO)

15

Fita # → Lado B

M Você nunca pensou em mudar de partido já que o P.C. hoje, atualmente PPS, não é. Quer dizer, o PC que você participou acabou. Hoje existe um outro partido que é o PPS e o qual inclusive 'tá participando do governo Itamar Franco, não é. O Roberto Freire, ele é líder do governo na Câmara. Então, você nunca pensou em mudar de partido, já que esse não está mais representando aquilo que você é?

3 Bem, eu não tenho vontade de sair do partido não. Primeiro, (...) que eu me acho muito velha p'ra mudar de partido. Segundo, que apesar de tudo eu não sei se todo o PPS é assim. Que às vezes pode ser que eu esteja atuando num lugar que não é igual a outros setores. Até que sobre a ligação, a aliança do partido como está, trabalhando com Itamar Franco a havés e com esse Roberto Freire, eu não sou contra isso não. Porque infelizmente o nosso partido é muito fraco. E se ele não fizer isso ele 'tá bancando bobeira (...). Porque a gente tem que aproveitar até a última sobrinha que tiver, p'ra não ficar tão per bairro, tão diminuído. Eu acho que ele está numa boa (...), nesse ponto aí eu apoio o PPS. Roberto Freire é uma boa pessoa, foi quem trouxe, (...) naquela época da candidatura, ele era o candidato, ele veio explicar o que é o Partido Comunista, o PPS hoje. Ele foi quem botou o PC na rua. Ele foi muito esclarecedor da situação das coisas. Ele é inteligente. Eu não acredito ainda que ele vá se corromper (...), pelo menos isso. Você vê que muito pouco comunista tinha lá na preparação da Constituinte, que era o Roberto Freire, era aquele menino lá de Brasília que eu esqueço o nome dele, do governo de Brasília, um deles lá que é do Partido Comunista, e me parece que era só, dois ou três comunistas que ajudaram na preparação da Constituinte. E foi dito, pelo ... se não me engano ... pelo próprio PC, eu não tenho certeza se foi PC que declarou isso, que o Partido Comunista tinha apenas aquele pequeno número de representantes, mas que estava como quem tivesse triplicado, devido a apuração, a discussão e a formação de como se constitui, de fazer a Constituição. Eu acho que (...) isso aí é muito válido. Agora, tem certos setores do PPS, que eu acho que não dá, não 'tá combinando com aquilo. 'Tá combinando com umas coisas que eu escutei lá muitos tempos atrás, que alguém deixou escapar, →

(46)

Fita 4 → Bodo 3.

J (cont) ... que eu fiquei até (...) desanimada, até debati, mas da impressão que a pessoa já sabia de alguma coisa que ia acontecer, não sei se sabia ou não, que eu fiquei desanimada e fiquei só na observação, fiquei só observando. O que deu p'ra "mim" notar, é que a gente não deve, eu principalmente eu vivo na cidade agora, num lugar urbano, não vi ninguém do partido se manifestar para que fizesse como nós fazíamos naquela época que trabalhava no campo, de botar pessoas camponesas no trabalho do partido, camponeses no partido p'ra desenvolver partidariamente um trabalho. Quer dizer, tem muito pouca gente, eu ninguém, comunista no campo. Então, eu vendo isso que nosso tempo, naquela época, a gente já via várias coisas. Já fazia uma associação de lavradores, com 3 ou 4 vezes que ele fosse lá ele já tinha uma pessoa p'ra botar no partido, um camponês. (...) já tinha um ou dois. Já tinha pessoa p'ra lutar mais a frente, p'ra associação sair daquele núcleo e vir p'ra associação distrito. E dali mais tarde vir p'ra federação, FALESP. Então, (...) quando ele fazia o trabalho numa base, ou quando ele fazia um trabalho de massa com os trabalhadores rurais, ele já estava vendo como criar uma base naquele local. Se não criasse a base, tinha 2, uma base são 3 no mínimo. Mas ele já tinha preparado aquele setor. Então, depois dessa nova volta, depois de 64, eu não vejo nada disso. Não tem comunista no partido. Não tem incentivo e não tem quem faça nem tem quem vá. A pessoa que tem vontade de trabalhar não tem condições. Então, tudo isso me traz dentro de uma caixa, só com um arzinho p'ra respirar. É por isso que eu não estou mais muito como era.

M Inclusive você vê que aqui em Carriás, por exemplo, o candidato do PPS foi Juberlan de Oliveira. Juberlan de Oliveira foi prefeito em Carriás pelo PDT. Foi o pior prefeito que Carriás já teve.

J Ai o PPS adotou ele.

M É. Ele não teve quase voto de ninguém. Você pode chegar em Carriás, todo mundo, da direita à esquerda, todo mundo não suporta ele. O movimento popular chegou a fazer um dia de protesto contra a política do governo dele, que era uma política sem participação, autoritária, centralizadora. E que não fazia nada.

(18)

Tita f → lado B

J (INTERVENÇÃO ININTELIGÍVEL)

M (...) Quer dizer, aí nem o PDT queria mais ele, você 'tá me entendendo. Depois ele foi secretário de educação lá em Nova Iguaçu que também foi um caos. Quer dizer, aí agora ele vem pelo partido, pelo PPS.

J Agora, o que é que eu posso pensar disso?

M Pois é, até eu fiquei assim.

J Sabe o que que eu posso pensar disso?

M Eu fiquei surpresa. Quando eu vi que o Juberlan era candidato pelo PPS. Disse: - Eu não 'tô entendendo mais nada.

J Você sabe o que que dá impressão disso? Me dá a impressão de uma...

M Nunca foi comunista, nunca foi...

J 'Pera aí! Me dá a impressão (...) de um jogo político.

M Tipo: não tinha ninguém pra sair candidato pelo PPS em Lajes (PARTE ININTELIGÍVEL DA FALA DA ENTREVISTADORA)

J Eu acho, eu não sei se estou falando certo. Mas eu penso num caso desses como negociação política. Porque olha só! Aqui o PPS não apoiou a Benedita?! Não é PT?! Por que que em Niterói não apoiou o PT também?!

M Tá em Niterói...

J Tá em Niterói apoiou o PDT, entendeu? Então, eu não entendo isso.

(...) Por que PDT que o PDT lá não 'tá fazendo nada. O que é que o PDT 'tá fazendo lá? O cara 'tá na prefeitura que é PDT, forge não sei de que Silveira. 'Tá lá, só 'tá vendo o meio da granfinagem. Arranca um pedaço do asfalto, bota de novo que é p'ra gastar o dinheiro. Tira mais não sei de que. Faz pacinha. Faz não sei o que na esquina, aí bota só aquelas tabuletas: governo não sei de que - Prefeitura de Niterói. E aquelas coisas todas. No meio, no centro, em Icaraí, centro de granfino, Centro de Niterói, centro de granfino. As favelas se tiver uma foi p'ra modelo, se tiver duas. Mas lá não tem só duas favelas, tem centenas ou dezenas de favelas. Com aquele aguaceiro pede pela rua. Querem combater o dengue com a língua, com palavras.

→

(18)

Fita 7 → lado B

J (cont) P'ra combater tem que fechar aquelas vagas, ver um jeito de fazer o trabalho básico dentro da favela ou no meio do povo. Não tem nada disso. O governo novo que entrou disse que vai continuar...

M Com a mesma política.

J A mesma política, entendeu, que é o saampaio. E eu fico na minha. Eu não entendo isso, gente. Então, o quê que eu vou achar daí?! É um negociata. Eu não falo isso p'ra ninguém, fico na minha. Cada qual que desce que o seu abacaxi. Mas o que eu acho é que isso é negociata e quando eu vejo negociata eu escorrego. Porque eu passei fome e nunca negocieei com seu ninguém, graças a Deus. Hoje eu tenho tudo que se precisa; quase tudo que se precisa assim se eu quisesse uma panela, eu tenho meus cacarecuzinhos, tenho os pratos, tenho os meus copos, tenho minhas cadeiras que eu não tinha. Claro, eu não tinha nada disso. Tudo feito com meu esforço. Que também me dão. Não vou dizer que sou eu que compro que o meu dinheiro não dá. Uma pessoa vem daí uma coisa, ou ha vem e daí outra, graças a Deus. Acho que é pelo que eu fiz. Que todo mundo viu que nós entramos e saímos do mesmo jeito. Quer dizer, nós entramos na luta p'ra criação de trabalhadores rurais, criamos. Chegou até a Fetaq e saímos do mesmo jeito com uma mão na frente e outra atrás, pedindo ajuda a eles. Quando a gente veio do Norte, uns 2 anos depois que descobrimos onde era a Fetaq, (...) a gente 'tava num aperto grande que 'tava numa casa que o dono da casa disse que queria o terreno p'ra vender, que a gente tinha que sair, nós...

M A Fetaq ela era super ligada ao PC.?!

J Eu acho que não era ligada, não. Nunca foi ligada ao PC não. Pode (...) ser tapação, mas nunca foi ligada. Meu marido consou p'ra ganhar o Heroldo p'ro Partido Comunista. E ele ainda chegou a me dizer quando ele morreu...

M E ele nunca foi. Eu 'tô desconfiada que a postura da Fetaq, ela sempre foi assim mais... como é que você vê que era a postura?

J Olha, eu acho que a postura da Fetaq não é assim muito diretista, não.

M Mas do Centro?

(19)

Fita 7 → lado B

J Eu acho mais assim p'ra cento. Que ele nunca apoia um candidato só. Eles escolhem de cada partido um candidato, e apoia aqueles todos, entendeu?

M Sim.

J Quer dizer, é cento. É uma coisa central. P'ro lado que foi eu acho que ... É mais ou menos assim. P'ro lavrador e tal. O lavrador desceu p'ra'quilo, ele vai desce também. É isso que eu acho, "né", a Fetaq. Agora, nós (...) discutindo sobre a luta que nós tivemos. A polícia veio aqui e em tudo lugar que a gente andou: Rio de Janeiro, Lagoas, Pernambuco p'ra ver se a gente tinha uma falha p'ra justificar a prisão do meu marido. E não houve nada que justificasse. (...) Então, eles botaram p'ra justificar, tentativa de organização do Partido Comunista Brasileiro. E foi justificado, 2 anos de cadeia sem ter por que. Que o nosso trabalho era ser honesto demais. Era mostrar onde estava a divisa do terreno e pedir a desapropriação ao governo dali de onde ele tinha avançado.

M É aquilo que 'cê falou que vocês ajudavam o Estado?

J Ajudava o Estado a fazer o levantamento das terras. Fazia-se o levantamento das terras devolutas e em litígio. E levava p'ra ele e dizia:

— Olha, nós queremos a desapropriação disso aqui p'ra cá. Tere ainda um que foi o irmão do Roberto Silveira, que quando ele morreu parece que ficou ele. Padejão disse: — Mas Puzosa nós não temos dinheiro p'ra pagar tanta desapropriação. O José disse: — Doutor o senhor já viu quileiro com escritura de terreno? (...) É a mesma coisa que tirar o dinheiro de um bolso e botar no outro. Porque o senhor espera 3 meses, o quileiro não vai apresentar documento que comprove que aquilo é dele, não, que ele 'tava era roubando. Então, o dinheiro volta p'ro seu bolso novamente. E tirar dinheiro de um bolso e botar no outro. É só esperar umas uns tempos que vai lá e recolhe o dinheiro. Aí foi que ele se conformou. Mas não fez muita coisa não. Quem fez mesmo, deu mais apoio a gente desses governos todos foi Roberto Silveira. Mas infelizmente mataram ele também.

M O Tenório Cavalcante chegou a ajudar vocês alguma vez?

J Chegou da seguinte maneira. O Tenório Cavalcante foi o seguinte: houve uma briga em São Lourenço, Xerem. E lá nesse negócio da briga, era despejo.

(20)

Fita # → lado B

J (cont.) & a gente toda vez que (...) havia um despojo procurava um amigo do partido, um simpatizante do partido como advogado não sei o quê. & nunca ganhava a causa. Ai nessa a gente tinha que ganhar, porque o negócio comeu fogo mesmo. Ai nessa houve tiro, (...) parece que atiraram de chumbo, um negócio de espingarda, firaram um cara, parece que mataram um ou feriram no estômago. Atiraram parece que na traseira de um oficial de justiça que só vivia bêbado aqui em Larias. Mas era ele que 'tava com a ordem de lá. Então, aí quando o José escutou o que deu. Que a gente 'tava atrás de tudo quanto era juiz e eles nunca diziam que ... não, não posso fazer nada! Não posso fazer nada. Ai quando é um dia ele vai saindo, o José, aí o repórter Isso, naquele tempo era Isso Extraordinário, escutou. Ai era o pau comendo lá, chumbo comendo lá em ... Ai, o quê que o José fez? Isso era uma coisa que ele tinha que fazer rapidamente, era p'ra ontem. Vamos fazer o que era p'ra ontem. Ai 'panhou o Tenório Lavalcante e seguiu p'ra lá. Contou o caso lá p'ro Tenório, perguntou se ele queria defender a causa, passou a procuração imediata e seguiu p'ra lá. Quando chegou p'ra lá eles foram falando. Foram se apresentar logo. - Eu sou Tenório. - Mas o senhor não vai entrar aqui não. - Nem o presidente da federação de vocês? - Ai, quem? - José Pureza. - José Pureza está aí? - Está. Ai, o José saindo fipe. Ai ele disse: - O José Pureza pode. Ai o José entrou, conversou com algumas pessoas. Já foi até Mauchete. Ai não deixaram tirar retrato com a Mauchete. O José foi lá dentro conversou com eles. - O negócio é aí, eles querem tirar retrato. Vocês tirem se quiserem, mas eu não acho bom não, não sei o quê. Eles queriam tirar era o A.G., negócio do A.G., sei lá. Quartel general que chama, sei lá. Aquela negócio onde tem as espingardas. Ai...

M Isso foi quando?

J Olha, eu não sei se foi em 61 ou 62, foi num desses 2 anos, 61 ou 62. Porque em 63 eu já estava no Imbé. Então, ele foi lá e tal. Eu sei que dali saiu mesmo a desapropriação com o Tenório, que era um cara anti-comunista, mas que gostava de se apresentar. Então...

M Ele chegou a ir lá e conversar com os lavradores...?!

(21)

Fita 7 → Bado B

J Chegou lá, foi lá e tudo. Conversei com uma comissazinha cá fora, que não deixaram ele entrar. Quem entrou foi José mas não se aprofundou muito p'ro outro não se achar... entendeu? Então, Tenório, ele gostava de se apresentar. E até o José levou uma criticazinha do partido, que tinha levado aquele cara. Aí o José disse porque que tinha levado ele. Aí eles terminaram dando razão.

M Por que ele já era deputado nessa época?

J O Tenório? Era, era deputado. Morava numa fazenda que tinha ali em Loxias, acho que ainda tem, né?! Ele morreu, né?!

M Morreu.

J Pois é. Então, foi assim que o Tenório ajudou. Quando a gente... nós fizemos...

M (...) Dizem, não sei se é verdade, que na época da ocupação que o Tenório foi lá: Que o Tenório ajudou os lavradores com armas. Que ele deu armas p'ra ajudar na resistência.

J Não acredito nisso não. Se eles atiravam de espingarda! Eles atiravam com espingarda de matar passarinho, de matar jacaré, de matar...

M (...) Quando?

J Nessa época.

M Contra a polícia?

J Sim, nessa época que pegou o oficial de justiça. Era espingarda. Ninguém tinha: Se ele desse arma era metralhadora, era revólver. Ele ia dar espingarda. Era espingarda que eles tinham de matar os bichos. Cada lavrador tem uma espingarda.

M Então, porque falaram isso? (...)

J Eu não sei, eu não sei. O que eu sei que ele tinha até uma tal de louredinha, que era uma metralhadora que diz que usava debaixo daquela capa preta, que eu não sei. Eles falaram muito nessa tal de louredinha. Mas a gente não tem lembrança disso de arma. Ele também, por exemplo, (...) quando a gente fazia os congressos, o Faleg fazia congresso ou a associação, primeiro começou a associação fazendo congresso, convidava ele também. Convidava outros, convidava um bocado de gente e ele também. Ele aparecia, fazia até uns negócios de uns trocadilho. Tinha um homem que acompanhava sempre ele que se chamava... não sei o quê Pedro Valente, não sei o quê Valente, não sei se era Pedro Valente, não sei o quê Valente! Tava sempre com ele, com certeza era o guarda costas, não sei.

J (cont) E ele ia sempre com ... E fazia aquelas ... Ele gostava muito de treco-dilho. Quando a gente ia fazer protestos nos jornais, pelos jornais, ia na luta democrática. Eu nunca vi, não tenho lembrança de ter visto. Eu me lembro que eu vi uma vez o José reclamando que não saiu o que a gente foi fazer lá. A reportagem não saiu pela luta democrática. Quer dizer, tudo isso. Ajuda dele ele deu sim, mas foi ajuda muito pouca. E mesmo o José, ele sempre ia aos congressos, se convidasse ele ia, aqui em Niterói. Só que a ajuda que eu tenho lembrança é essa. Foi quando houve esse negócio lá em São Lourenço. (...) Até eles cortaram o caminho, aí foram avisar o José que tinham cortado o caminho p'ra polícia não entrar. O José disse: — Você fecha o caminho, como é que você vai provar que ele vai derrubar a casa, se ele não pode passar? Aí foram de noite, fecharam o caminho novamente (...). O José fez tudo p'ra não haver isso. Porque a nossa luta era sempre pacífica (...). Ele fez tudo, mas o pessoal lá ficou muito revoltado e não atenderam o José nisso não.

M Quer dizer que essa luta armada já foi mesmo por conta dos próprios camponeses?

J Dos próprios camponeses. Aí o José foi e disse o seguinte: — Se vocês não fizerem isso, vocês não podem fazer nada enquanto não derrubarem ao menos...

M Como é que acabou o negócio?

J — Vocês não podem fazer nada enquanto não derrubarem 3 casas. Vocês deram a 1ª, a 2ª, quando começaram a derrubar a 3ª aí vocês resolvem o que que faz. Agora, não vai na 1ª, nem deixa valer a sua p'ra polícia não entrar, não. Como é que vocês podem provar que o homem vai derrubar a casa se ele não pode passar na vala? Aí acabou que houve a desapropriação. Que me parece que é isso que ainda está andando por aí. Porque depois do golpe de 64 foi tudo entregue novamente aos latifundiários de terra. E foram muitos e muitos lavradores despejados. Continuou tudo, inclusive no Itubé. Só que no Itubé teve uma ação muito bonita. Tinha a responsabilidade do povo do Itubé, dos lavradores do Itubé cortar uma ... já que ia a buri a mata virgem p'ra plantar, p'ra panhar as madeiras de lei e cortar 2 mil dormentes p'ra mudar as linhas de trem. Aí o José veio conversar com um dos gerentes (...) da Leopoldina e pediu um dinheiro adiantado, porque p'ra eles "derrubar" a mata eles tinham que comer. Aí o cara concordou e deu um dinheiro adiantado. —>

Fita 7 → lado B

J (cont) Quando houve o golpe de 64 esse homem foi preso porque tinha cedido esse dinheiro adiantado. Mas mesmo assim, eu já eu havia o Itair, José Itair foi lá...

M (...) Depois ele foi libertado?

J Escuta, eu estou contando como é que ele foi solto. O Itair foi lá avisar: José, Peneira foi completada a tarefa que você deixou lá no Imbé. Parece que foi o quê, (...) 2 rapazes que ficaram lá tiraram os 2 mil dormentes, botaram no ponto que você marcou e passou um telegrama p'ra Leopoldina p'ra ir buscar as madeiras. Lá eles foram buscar as madeiras e o rapaz foi solto, entendeu?! Isso foi uma coisa muito bonita que eu não posso me esquecer disso. Os 2 lavradores que ficaram lá, foram presos, botaram, não sei o quê. Mas eles "ficou" lá e "fez" esse trabalho. Erau mais de 200. Ficaram uns 2 ou 3 e erau mais de 200 lavradores.

M (...) Até hoje você continua na militância, não é?!

J Mais ou menos

M Continua aí, fazendo mais até do que você pode, na luta...

J É eu acho que eu não tô fazendo o que eu quero. Ainda não acho que eu estou fazendo o que eu quero, que eu não tenho condições.

M Principalmente na luta dos direitos da mulher, que você ainda mais hoje é... reclama (—). É o quê que você sonha para o Brasil? O quê que você diria hoje p'as mulheres desse país?

J Bem, o que eu digo p'as mulheres desse país é o seguinte: que eu já estou no fim da vida que tô com 68 anos e que eu entrego essa tarefa para outras que estão mais novas, e que enquanto há vida há esperança. É a gente que não luta é (...) que não alcança nada. Mas se a gente se unir e lutar em defesa dos nossos direitos a gente consegue. Porque eu quando era criança, minha mãe nunca ouviu falar em reforma agrária, minha mãe nunca ouviu falar nos direitos da mulher, minha mãe nunca ouviu falar em unidade do povo. É eu já estou falando tudo isso. Participei, ou bem ou ruim, ou bem feito ou mal feito, eu participei da unidade. Eu participei da organização das mulheres. Eu participei de conscientização, eu estou conscientizada. Talvez estivesse até mais se tivesse, eu acho até que se tivesse mais um pouco de cultura eleitoral. Porque a gente pega amor aos livros, lê, estuda →

(94)

Fita # → Bado B

J (cont) Eu liro um livro, p'ra "mim" entender eu tenho que ler mais de 1 vez, mais de 2. As vezes tem palavras intelectuais que eu não entendo, me atrapalho. Outras pessoas entendem melhor. Que às vezes no meu nível de talvez uma lavradora, uma empregada doméstica, mas que teve a felicidade de ir p'ra escola, de aprender uma leitura, se ela sentar e ler um livro ela entende 1º do que eu. (...) O que eu desejo é que elas não fiquem inertes perante a situação (...), aquelas que já estão começando que não percam a fé e que não percam a esperança. Que só a gente se unindo, lutando e participando é que consegue ganhar alguma coisa.

M Muito bem! Você quer deixar alguma mensagem para seus ... (...)
O que que você pode trazer para um todo, você falou p'ra mulherada, né? O que que 'cê sonha para o Brasil?

J Olha, eu não sonho não. Não tenho mais desejo de sonhar porque estou muito cansada. Eu desejaria que o Brasil não fosse... o povo do Brasil, nosso povo não fosse tão miserável, tão sacrificado, tão pobre com um país tão rico. A gente vendo estrangeiros tirar as nossas riquezas, dando na televisão carregando ouro. Uma grama de ouro por aquele dinheirão que está. E quem tira o ouro eu não sei como é que está. Eu sei que o resto do povo que não entende isso. A nossa madeira, a nossa riqueza. Todo minério que procurar no Brasil tem, toda riqueza que procurar no Brasil tem. E quem quem usa é o estrangeiro. Nós, os brasileiros, não "pode" ter nem um biscoito de ouro na oreilha que o ladrão vem, dá um puxão, rasga a oreilha e carrega o biscoito. Então, o que eu tenho que dizer nesse ponto é o seguinte: (...) a triste coisa maior que eu tenho do Brasil, dos dirigentes brasileiros, é não olhar p'ra infelicidade desse povo, a quem ergue esses edifícios e que nunca mais pode botar os pés no tapete porque pode levar o nome até de ladrão porque não se sabe quem é. É isso que eu tenho que dizer ao brasileiro. E que eu acho que todos nós devemos nos juntar p'ra lutar contra isso, contra essas desigualdades. E a mulher, ainda mais com o problema que ela tem, com a discriminação, (...) no Português elas tem que ser todas exterminadas. Os programas dos governos mundiais é p'ra exterminar todas as mulheres putas e pobres. Que eles acham que nós que damos a riqueza ao país que fizemos a riqueza e os nossos maridos, estamos sendo agora imunidade, lixo.

Fita 7 — Bado B

J (cont) Apesar de tanta riqueza que nós construímos no país. Somos considerados lixo, porque eles já 'tão com intenção de ... da informática, dos robôs que estão p'ra aparecer por aí p'ra trabalhar. Como de vez em quando aparece aí na televisão. A tendência deles é matar o povo, ficar a classe média como pobre, o povo morre e quem vai servir o país vai ser na grande maioria são robôs. Então, isso é a maior tristeza que eu levo p'ra debaixo da terra. Dever um país tão rico com um povo tão sofrido, tão miserável, tão pobre. Principalmente essas crianças abandonadas na rua.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

(LIGADO O GRAVADOR)

J Outra coisa também que apesar de tudo, que eu sofri muito, fui criada em casa de família. Não fui criada como se deve criar uma criança, uma pessoa. Fui criada praticamente feito bicho. Não me deram direito de ir p'ra escola, p'ra "mim" aprender alguma coisa. Que eu não queria ser burra, aprendi praticamente sozinha. Mas mesmo assim eu agradeço a infelicidade que ela fez comigo. A falta de atenção, a falta de reconhecimento, porque só eu que não prestava. Eu era feia, eu era imunda, eu era preguiçosa mas dava conta de uma casa de 8 cômodos, tomava conta de duas crianças uma de 5 outra de 2, tomava conta de um jardim, tomava conta das galinhas, tomava conta do quintal e era tida como preguiçosa. Mesmo assim, ainda agradeço a essas pessoas que eu julgo infeliz por não reconhecer o que é fazer bem a uma criança. Mas mesmo assim, talvez seja graças a elas que hoje sou quem sou. Que fui revoltada sim. Agora não fui revoltada de pegar um arma, de pegar faca e me matar, de fazer nada disso não. Fui revoltada p'ra fazer esclarecimento às outras mulheres, às outras meninas, às outras moças, contar o meu sofrimento. Porque as moças dizem sempre que são revoltadas, às vezes até por não poder comprar um par de sapatos. E eu falo com elas que eu sofri isso tudo, mas graças a Deus eu nunca fui p'ra rua. E hoje eu estou aqui com 68 anos e que eu espero que as moças também (...) nunca se joguem na rua por qualquer coisa, nunca se joguem na rua por qualquer par de sapatos. Porque a vida não é isso que elas pensam não. A vida é uma coisa muito boa.

(26)

Fita 7 — lado B.

J (cont) Apesar de muita gente dizer que a vida é um mar de rosas. Como num programa que tem aí, nos programas infantis. Mas que essas coisas me "serviu" p'la "mim" d'lar p'la trair sempre e chegar a frente mais um passo. Pelo menos p'la esclarecer aquelas que não tem conhecimento de nada na vida. Essas que não tem conhecimento de nada na vida precisavam "de" saber de muitas dessas coisas que eu passei e que ainda tem muitas que passam. Porque no nordeste do país as meninas criadas sem mãe, a grande maioria "são" criada do jeito que eu fui criada. Se dá feito cachorro de papel passado sem saber a quem. E elas não botam na escola porque dizem que vai escrever p'la namorado. No entanto se ela tivesse me botado na escola talvez eu não fosse hoje quem sou. Mas ao mesmo tempo eu digo: — Estou satisfeita porque eu não sou tão burra quanto eles queriam que eu fosse.

(DESLIGADO E RELIGADO O GRAVADOR)

(...)

J Outra coisa também (...) que eu falo com as mulheres é o seguinte: que elas nunca esperem que a vida, que a sorte vá cair do céu. Tem muita gente que sepa pensando que vai cair do céu. (...) Nós somos instrumentos de Cristo sim, mas é preciso que nós com nossas pernas, nossos braços, nosso cérebro, nossa inteligência ajude a Ele. Porque se Ele é um espírito, precisa dos nossos braços para poder trabalhar. Nunca ficar só rezando, esperando cair do céu, que do céu só cai é chuva e o sol. O que eu quero dizer é o seguinte: que a mulher deve trabalhar, deve se unir, lutar pelos seus direitos e que elas precisam saber a força que tem. Que no dia que a mulher souber a força que tem o Brasil vai p'la frente. E o problema de infelicidade contra a mulher, contra a impugnação da participação da mulher em qualquer lugar isso acaba. O que interessa é que ela deve saber qual é a força que ela tem. Porque se o bô soubesse a força que ele tem ele não deixava ninguém botar canga no pescoço dele. Então, a mulher é a mesma coisa. É preciso aprender que ela tem força unida junto com as outras, para poder lutar contra qualquer infelicidade que se mantenha contra elas.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

FIN DA GRAVAÇÃO